



ECOWAS COMMISSION
COMMISSION DE LA CEDEAO
COMISSÃO DA CEDEAO

Reféns do extremismo violento: raptos no norte do Benim

Flore Berger, Lyes Tagziria e Aziz Mossi



Resumo

Com a intensificação da infiltração de organizações extremistas violentas (“violent extremist organisations”, abreviadas como VEO) nas comunidades do norte do Benim desde 2021, o número de incidentes de rapto aumentou. Esta investigação identifica quatro tipos principais de rapto por parte das VEO – recrutamento forçado, recolha de informações, punição e intimidação – todos eles intimamente ligados à dinâmica do conflito e à expansão do grupo. O rapto é utilizado como um instrumento estratégico para a infiltração em novos territórios.

Principais conclusões

- **Deverá ser desenvolvido um programa de proteção eficaz para os desertores, os alvos principais dos raptos.** Tal preservaria uma importante fonte de informações, ao mesmo tempo que incentivaria novas deserções.
- **Explorar programas de amnistia para os indivíduos que se juntaram às fileiras das VEO.** O diálogo deve passar a ser um elemento importante da estratégia antiterrorista.
- **Reforçar as infraestruturas locais para aumentar a capacidade de resiliência das comunidades face aos raptos e a outras formas de violência.** Tal deverá incluir cobertura de rede telefónica e infraestruturas rodoviárias, entre outros aspetos.
- **Os incidentes de rapto devem ser integrados nos mecanismos de alerta precoce nacionais e da CEDEAO.** A generalidade dos raptos pode ser utilizada como um barómetro do enraizamento das VEO numa determinada área.
- **É fundamental reconstruir as estruturas de cooperação internacional com os países vizinhos.** O Governo do Benim deve procurar imediatamente uma solução para os atuais impasses diplomáticos.



OCWAR-T

Crime Organizado: A Resposta da África Ocidental ao Tráfico

Introdução

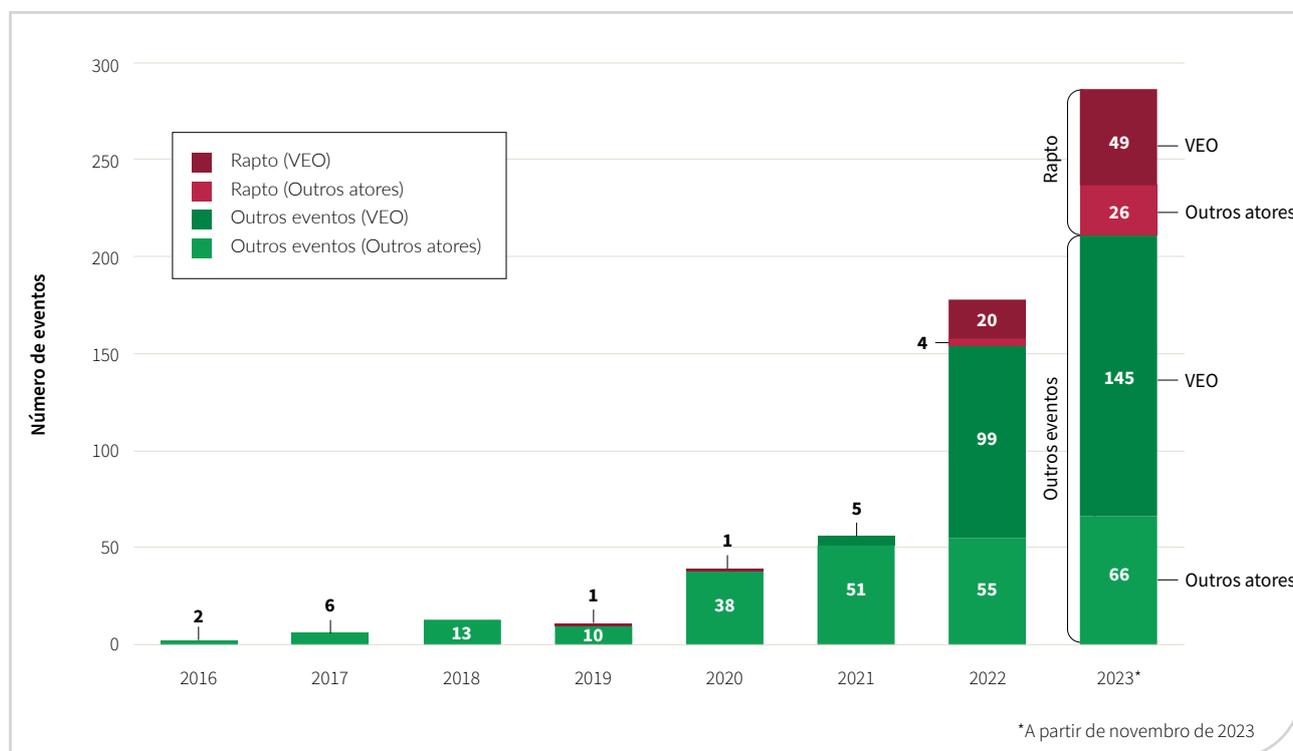
Os raptos no norte do Benim¹ aumentaram em 2022, à medida que organizações extremistas violentas (“violent extremist organisations”, VEO) intensificaram a sua expansão para sul a partir do Sahel. Até ao final de novembro de 2023, o norte do Benim registara, pelo menos, 101 incidentes de rapto (ou tentativas de rapto) desde 2019, sendo que o número relativo apenas a 2023 (75) foi mais do triplo do número relativo ao ano anterior.² Em 2022, foram registados 24 incidentes, mais do que o número total de incidentes registados em todo o país entre 2016 e 2021.³

No norte do Benim, antes de 2022, apenas foram registados dois casos de rapto (estes foram realizados a título de violência política, ao contrário dos casos de resgate e de actos criminosos). O rapto de dois cidadãos franceses (e o assassinato de um guia do parque) em 2019 marcou um ponto de viragem na evolução do extremismo violento no país, constituindo o primeiro ataque de uma VEO em território beninense.⁴

Em 2023, com as VEO a expandirem-se dos estados do Sahel do Mali, Burquina Fasso e Níger e a cimentarem a sua presença nos departamentos de Atacora e Alibori, no Benim, os incidentes de rapto registados voltaram a aumentar drasticamente. Este aumento dos raptos reflete um aumento acentuado da violência em geral no norte do Benim (ver Gráfico 1), com uma proporção crescente atribuída a presumíveis VEO. A violência também tem visado cada vez mais os civis: as mortes de civis às mãos de presumíveis VEO mais do que triplicaram entre 2022 e 2023.

O principal grupo armado com presença nestas duas regiões mais setentrionais do Benim e que constitui o foco do presente estudo é o Jama’at Nasr al-Islam wal Muslimin (JNIM). A presença do Estado Islâmico do Sahel (EI Sahel) foi registada na fronteira com o Níger, nas comunas de Malanville e Karimama, sendo que, embora seja provável que continue a existir, o seu alcance é muito mais limitado do que o do JNIM.

Gráfico 1: O aumento do número de raptos no norte do Benim ocorreu num contexto de violência política crescente.



Fonte: Consórcio Clingendael/ACLED; autores

Nota: Inclui violência política, bem como desenvolvimentos estratégicos, tais como pilhagens, destruição de propriedade, movimento de forças e outros eventos. Embora existam provas irrefutáveis que demonstram a intensificação da violência nos últimos dois anos, o aumento considerável revelado pelos dados é influenciado, em parte, pelo aumento dos níveis de notificação no país.

Desde 2021, e mais amplamente a partir de 2022, o JNIM tem vindo a infiltrar-se em novas comunidades no norte do Benim, forjando alianças (muitas vezes pela força) e intimidando personalidades de destaque. O rapto é uma ferramenta importante utilizada pelo JNIM para atingir este objetivo, reproduzindo táticas encontradas por todo o Sahel. Nestas fases preliminares de penetração, têm de recolher informações e estabelecer-se como o novo ator legítimo, ao mesmo tempo que enfrentam uma oposição significativa.

O aumento do número de raptos tem funcionado repetidamente como um indicador da fase inicial de infiltração do JNIM em territórios novos e desconhecidos, nos quais ainda não consolidaram a sua presença e influência. Embora os ataques violentos sejam a forma mais visível de atividade das VEO, o acompanhamento e a análise das tendências em termos de raptos podem fornecer um conjunto de dados complementares para analisar a evolução da influência dos grupos armados extremistas.

Os raptos que acompanham a expansão são um elemento constante da cartilha do JNIM. Tal reflete investigações anteriores da Global Initiative Against Transnational Organized Crime (Iniciativa Global contra o Crime Organizado Transnacional, GI-TOC) na região, que identificou os raptos como uma economia criminosa aceleradora, o que significa que tem uma relação de autorreforço com a instabilidade e desempenha um papel proeminente na promoção de conflitos em toda a África Ocidental.⁵

O JNIM e o El Sahel não são os únicos atores no negócio dos raptos, sendo que existe um tipo distinto de rapto, cometido por bandidos ou por grupos armados não identificados, que visa principalmente indivíduos ricos. O mais importante é que estes resultam quase sempre num pedido de resgate, o que não é o caso dos raptos cometidos pelas VEO. Estes raptos com fins lucrativos têm uma história mais longa no Benim e têm sido detetados, em pequenos números, pelo menos desde 2016, mas ocorrem principalmente mais a sul, nos departamentos de Borgou e Collines (embora tenham sido registados alguns casos em Alibori, mais uma vez principalmente na fronteira com a Nigéria ou perto dela). Apesar de este tipo de rapto (essencialmente criminoso) continuar a ser praticado por todo o país até hoje, as VEO são agora, de longe, os atores mais comuns por trás dos raptos no norte do Benim.

Com algumas exceções notáveis, as VEO tendem a não se envolver em raptos de habitantes locais com fins de pedir um resgate. De modo geral, as considerações financeiras não estão na origem do aumento dos raptos que o Benim tem registado desde 2021. Em vez disso, esta investigação identifica quatro tipos principais de rapto utilizados pelas VEO – recrutamento forçado, recolha de informações, como punição e para intimidar – todos eles intimamente ligados à dinâmica do conflito e à expansão territorial. Longe de ser um exemplo de violência aleatória, o rapto é utilizado pelas VEO, em grande parte, para promoverem os seus objetivos de afastar o Estado de uma área, com o objetivo a longo prazo de criar legitimidade entre as comunidades locais. No entanto, no norte do Benim, o rapto (juntamente com o roubo de gado) é uma das economias ilícitas com maior efeito desestabilizador nas comunidades.⁶

O presente relatório começa por descrever o contexto deste aumento dos raptos, nomeadamente o alastramento das operações das VEO da região do Sahel para sul, para vários dos estados costeiros do Golfo da Guiné. Em seguida, examinará cada tipo separadamente e, com base na análise de trajetórias semelhantes noutros locais da região, destacará as formas como o rapto está a ser utilizado como instrumento estratégico pelas VEO na sua expansão para o norte do Benim. Posteriormente, é apresentada uma breve análise do fenómeno do rapto com pedido de resgate. O relatório conclui com a formulação de recomendações para os responsáveis políticos nacionais e regionais.

Metodologia

O relatório baseia-se em dados primários e secundários recolhidos entre maio e outubro de 2023.

Os dados primários incluíram cerca de 30 entrevistas realizadas nas localidades de Matéri e Tanguiéta, no departamento de Atacora, e em Ségbana e Karimama, em Alibori. Foram recolhidos dados adicionais durante um diálogo de resiliência de dois dias organizado na capital de Atacora, Natitingou, em outubro de 2023, durante o qual as comunidades de Matéri e Tanguiéta salientaram a importância dos raptos como força desestabilizadora. Desde meados de 2021, estas duas zonas têm sido as mais afetadas pela expansão das VEO e, desde 2022, pelos raptos. Foram realizadas mais doze entrevistas remotamente na região e na

Europa para obter um conhecimento mais alargado da indústria do rapto no Benim. Os intervenientes incluíram as autoridades locais, tais como presidentes dos municípios e representantes das comunidades, bem como as autoridades de aplicação da lei. Os intervenientes também incluíram residentes locais e líderes das comunidades de pastores e agricultores, bem como vítimas de raptos ou as suas famílias. Por último, foram também entrevistados jornalistas, investigadores locais e internacionais e ONG que trabalham com as comunidades afetadas na zona.

Foi realizada em paralelo uma investigação secundária, incluindo uma revisão da literatura de fontes cinzentas, académicas e dos meios de comunicação social, bem como a recolha de dados de informação de fonte aberta com monitorização de notícias e redes sociais. Os dados quantitativos utilizados ao longo deste relatório derivam de uma base de dados consolidada preparada pelos autores, que abrange o período de 2016 a 30 de novembro de 2023. O conjunto de dados é constituído principalmente por dados fornecidos pelo Consórcio Clingendael e pelo projeto Armed Conflict and Location Event Data (ACLED), sendo complementado por incidentes comunicados durante a investigação qualitativa, tal como descrito acima.⁷

O presente relatório baseia-se noutras linhas de investigação que a GI-TOC tem vindo a realizar na África Ocidental, em particular sobre parques nacionais, sobre o envolvimento de grupos armados em economias ilícitas em novos territórios (nas fases iniciais de expansão) e sobre mercados aceleradores, entre os quais o rapto. O norte do Benim é de particular interesse, uma vez que se situa na interseção de todas estas dinâmicas.

Limitações dos dados sobre raptos

Como já foi referido, a base de dados quantitativa de incidentes em que se baseia o presente relatório assenta essencialmente em incidentes recolhidos pelo ACLED. De acordo com o ACLED, a etiqueta de dados “rapto/ desaparecimento forçado” é utilizada “quando um ator se envolve no rapto ou no desaparecimento forçado de civis, sem relatos de mais violência”.⁸

Por conseguinte, é importante salientar as limitações deste conjunto de dados para a análise subsequente, em especial no que se refere à dinâmica do mercado do rapto com fins lucrativos. Crucialmente, é provável que os incidentes registados representem uma subcontagem significativa dos que ocorrem na área, uma vez que o ACLED apenas capta violência política e protestos e não inclui eventos de natureza puramente criminosa. Assim, embora a evolução dos raptos cometidos por VEO e outras milícias políticas ou identitárias possa ser analisada utilizando dados do ACLED, tal constitui um obstáculo à avaliação da evolução dos raptos cometidos por grupos criminosos ou por aqueles que têm motivações puramente financeiras para o rapto de um indivíduo ou grupo.⁹ Por último, existem dificuldades inerentes à atribuição de incidentes a VEO específicas com elevados níveis de confiança, pelo que é possível – ou mesmo provável – que a utilização dos dados do ACLED para rastrear e analisar os raptos cometidos por VEO resulte numa subcontagem.¹⁰

Extremismo violento: expansão no norte do Benim

A atual crise de segurança no Sahel tem as suas raízes na revolta tuaregue de 2012 no norte do Mali; contudo, desde então, transformou-se num atoleiro de interesses concorrentes que envolvem uma infinidade de atores armados, tendo alastrado a meia dúzia de países da África Ocidental. Embora tenha havido vários elementos etno-políticos em jogo ao longo da última década, os grupos extremistas violentos estão atualmente no centro do conflito. Desde 2012, a insurreição extremista alastrou a vastas áreas do Burkina Fasso, enquanto o vizinho Níger tem lutado contra a insegurança nas suas fronteiras do Sahel, bem como nas fronteiras com a Nigéria e o Chade.

A insurreição que se espalhou pelo Sahel deve ser considerada tanto uma campanha religiosa como um movimento social, com muitos fatores socioeconómicos a impulsionarem a proliferação de atores armados não estatais na região – desde a fraqueza do Estado à corrupção e à repressão da oposição política.¹¹ Atualmente, os grupos extremistas violentos, sobretudo o JNIM e o EI Sahel, representam uma ameaça significativa à integridade territorial e à segurança de vários Estados costeiros da África Ocidental.

Ameaça de extremismo violento no norte dos Estados litorais da África Ocidental

As vítimas mortais em conflitos no Burkina Fasso têm aumentado de ano para ano, sobretudo após os dois golpes militares de 2023.¹² O país é agora o epicentro da crise de segurança do Sahel, com uma proporção

recorde do território Burkinabè controlado por atores não estatais, milhões de deslocados, milhares de escolas encerradas e dezenas de cidades cercadas por grupos extremistas violentos.¹³ À medida que as VEO no Burquina Fasso alargaram a sua presença cada vez mais para sul, o JNIM e o El Sahel têm conseguido utilizar o país como rampa de lançamento para a sua expansão aos Estados litorais.¹⁴

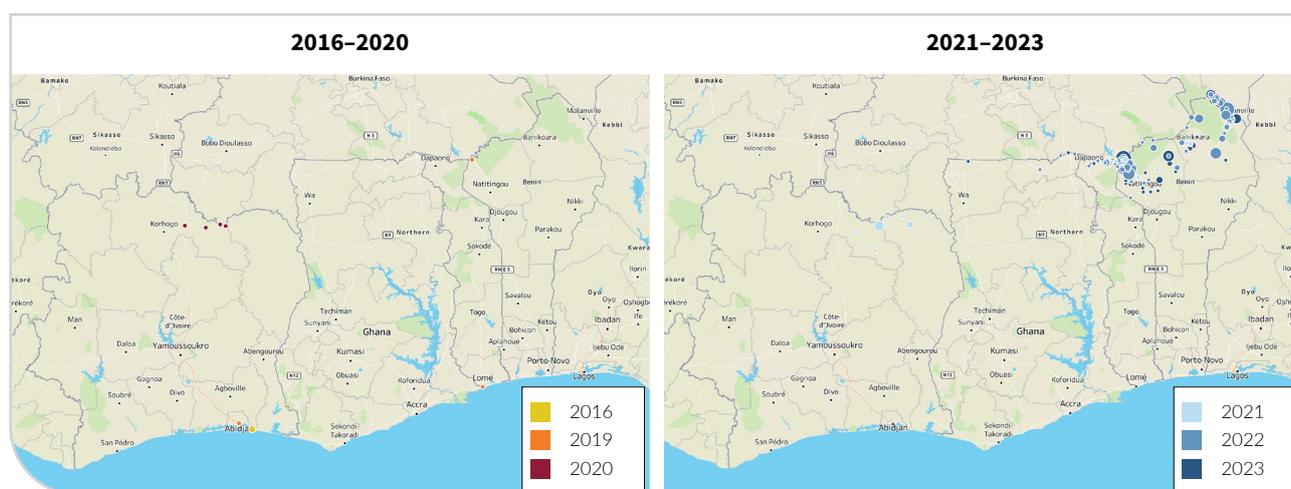
Em 2016, a Costa do Marfim foi a primeira destas nações costeiras a sofrer um ataque no seu território por extremistas armados, quando homens armados da Al-Qaeda no Magrebe Islâmico (AQMI) mataram pelo menos 19 pessoas em março desse ano numa estância balnear em Grand-Bassam, perto da capital comercial do país, Abidjan.¹⁵ No entanto, 2021 marcou um ponto de viragem para a Costa do Marfim e para o resto da África Ocidental costeira, uma vez que múltiplos ataques transfronteiriços a infraestruturas militares nas regiões do norte do país desencadearam uma forte resposta em termos de segurança.

Em 2020, os ataques continuavam a ser esporádicos nos Estados costeiros da Costa do Marfim, do Benim e do Togo, tendo sido registados seis ataques e confrontos armados envolvendo VEO (que resultaram em 35 vítimas mortais civis e das forças de segurança).¹⁶ Esta situação mudou em 2021, quando os ataques do JNIM – principalmente contra alvos militares e outros alvos de segurança do Estado – proliferaram nos distritos de Zanzan e Savanes, no norte da Costa do Marfim, bem como no departamento de Atacora, no Benim, na fronteira com o Burquina Fasso. O Togo também sofreu o seu primeiro ataque de uma VEO quando presumíveis combatentes do JNIM atacaram uma posição militar na aldeia de Sanloaga, na circunscrição administrativa de Kpendjal, na região de Savanes, em novembro de 2021.¹⁷

Embora a onda de ataques extremistas na Costa do Marfim tenha sido travada a partir de 2022, em grande parte graças a uma presença de segurança extremamente reforçada juntamente com esforços concertados para apoiar o desenvolvimento económico,¹⁸ o panorama no Togo e no Benim foi drasticamente diferente. De 18 eventos violentos distintos que envolviam uma VEO na Costa do Marfim, no Benim e no Togo em 2021, o número quintuplicou ao longo de 2022 para 93, sendo constituído quase inteiramente por incidentes no Benim (74) e no Togo (18). Em novembro de 2023, o número total de incidentes violentos de VEO nos Estados costeiros tinha ultrapassado o total do ano anterior, com 166 no total.¹⁹ Esta situação foi impulsionada pelo Benim, que, no final de novembro de 2023, já tinha registado mais 107 % de incidentes violentos envolvendo VEO (153) do que em todo o ano de 2022.²⁰

Em todo o Benim, incluindo nos departamentos do norte, a violência política tem tido tendência para ser de carácter comunal e local – com as tensões entre agricultores e pastores resultantes da concorrência por terras para agricultura e pastagem, conduzindo a ataques e contra-ataques, roubo de gado e destruição de colheitas, a desempenharem um papel importante.²¹ As linhas de fratura existentes foram exploradas pelo

Gráfico 2: Atividade extremista violenta na África Ocidental costeira, 2016–2023



Fonte: Consórcio Clingendael/ACLED; autores

Nota: Os eventos incluem violência política, bem como desenvolvimentos estratégicos, tais como pilhagens, destruição de propriedade, movimento de forças, detenções e outros eventos. Cinco eventos registrados no departamento de Borgou e na comuna de Segbana, em Alibori, foram originalmente atribuídos a VEO na base de dados do consórcio Clingendael/ACLED. Desde a publicação da versão em inglês deste relatório, essas atribuições de atores foram revisadas. O mapa foi atualizado em conformidade.

JNIM e, em menor grau, pelo El Sahel, com vista a ganhar influência no norte do Benim, tal como estes grupos fizeram em todo o Sahel.²²

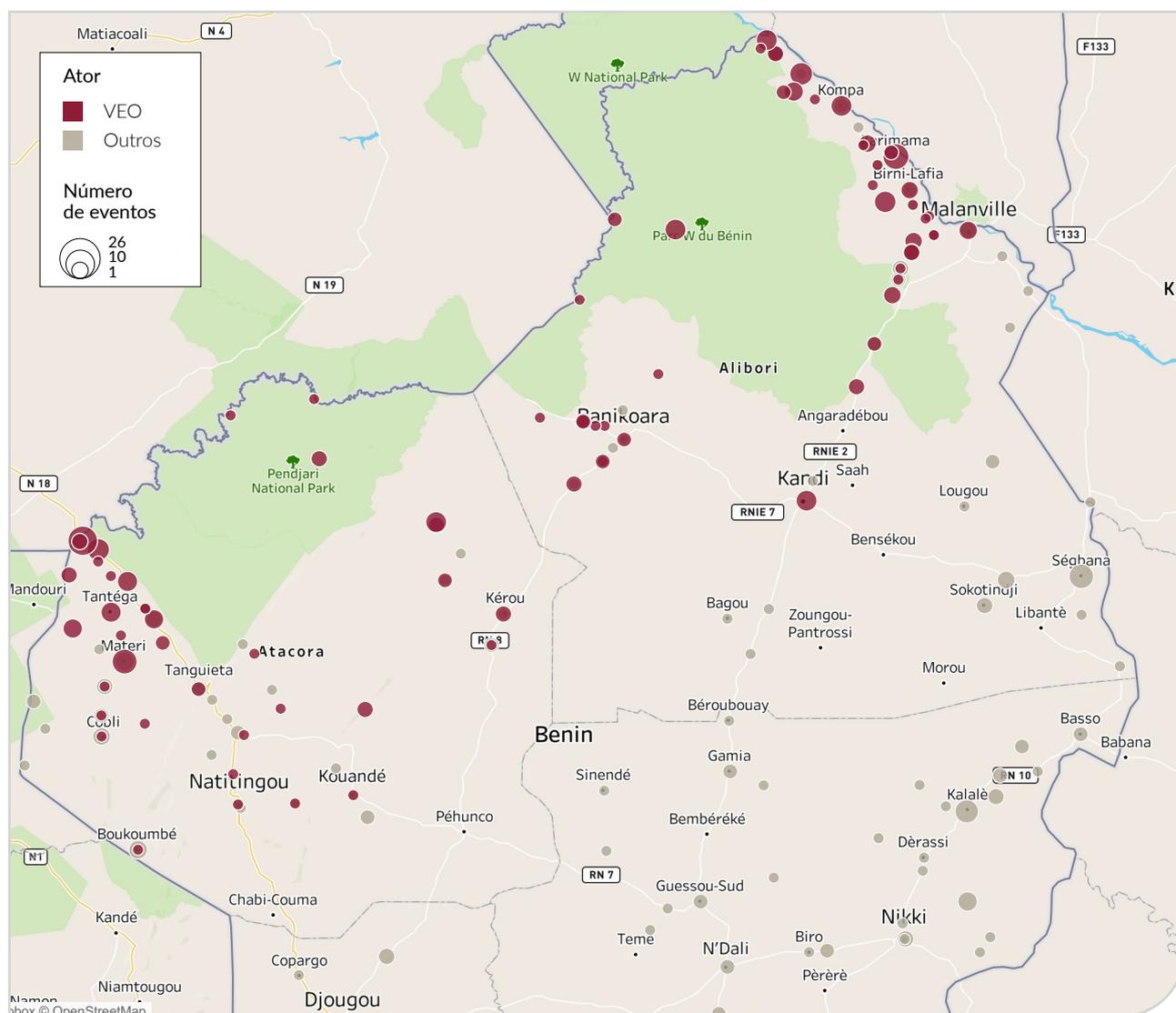
Enquanto a forma mais comum de violência em Atacora e Alibori era do tipo não relacionado com as VEO até 2021, a proporção de violência política envolvendo VEO aumentou em ambos os departamentos em cada ano. No final de novembro de 2023, VEO tinham estado envolvidas em 69 % e 76 % dos eventos de conflito em Atacora e Alibori, respetivamente.²³

Oportunismo e exploração: as geografias em jogo

A geografia da presença extremista no norte do Benim é particularmente importante para compreender como as VEO conseguiram penetrar no país. A propagação do extremismo violento no país pode ser atribuída tanto a fatores de incentivo como de desincentivo, com circunstâncias endógenas e exógenas a desempenharem um papel na sua proliferação.²⁴

Embora alguns incidentes envolvendo presumíveis VEO tenham ocorrido no departamento de Borgou,²⁵ a esmagadora maioria da violência extremista está concentrada em Atacora e Alibori, em particular perto da

Gráfico 3: As organizações extremistas violentas são responsáveis pela maior parte da violência política em Atacora e Alibori.



Fonte: Consórcio Clingendael/ACLED; autores

Nota: Cinco eventos registrados no departamento de Borgou e na comuna de Segbana, em Alibori, foram originalmente atribuídos a VEO na base de dados do consórcio Clingendael/ACLED. Desde a publicação da versão em inglês deste relatório, essas atribuições de atores foram revisadas. O mapa foi atualizado em conformidade.

fronteira (ver Gráfico 3). A primeira é dominada pelo JNIM, cuja presença se tornou cada vez mais familiar para as populações locais ao longo do último ano, o que sublinha a importância atribuída à obtenção de apoio local.²⁶ Apesar de a investigação ter revelado mais sobre a dinâmica dos subgrupos em jogo e sobre os líderes mais importantes do JNIM envolvidos na expansão do grupo no Benim (dois grupos, um que se está a expandir para Atacora, liderado por Idrissa Dicko – mais conhecido por Mouslimou – e outra unidade que está presente em Alibori, liderada por Abu Anifa),²⁷ as comunidades locais não fazem essa distinção. Ainda que alguns analistas indiquem que os dois líderes podem empregar táticas diferentes no que diz respeito ao rapto ou a outros tipos de comportamento – sugerindo, por exemplo, que Anifa é mais violento – tal não é atualmente claro com base nos dados existentes.

A violência das VEO em Alibori concentra-se sobretudo ao longo da fronteira com o Níger, nas comunas de Karimama e Malanville, com um importante conjunto de incidentes a ocorrerem em Banikoara e arredores. Ao contrário de Atacora, a identidade dos autores de cada incidente é menos clara, havendo atuação tanto do JNIM, como do El Sahel. O primeiro ataque pelo qual o El Sahel reivindicou explicitamente a responsabilidade ocorreu no início de julho de 2022 e, desde então, houve apenas um punhado de incidentes atribuíveis ao grupo.²⁸

A presença de VEO no norte do Benim está muito menos enraizada do que nos Estados do Sahel, sendo os ataques armados no Benim em grande parte cometidos por militantes sediados no Burkina Fasso ou no Níger. As zonas fronteiriças são particularmente vulneráveis à violência e à insegurança, sendo que grupos armados de todos os tipos as utilizam frequentemente como bases para operações militares e como fontes de potenciais recrutas.²⁹

As zonas fronteiriças no norte do Benim são especialmente suscetíveis à incursão e subsequente implantação de VEO devido aos vastos parques nacionais que se situam nas fronteiras do Burkina Fasso e do Níger (Parque Nacional de Pendjari, em Atacora, e Parque W, em Alibori). O Parque W, em particular, tem sido utilizado por extremistas violentos como porta de entrada para o Benim e como rampa de lançamento para uma maior expansão para sul.³⁰ Além de servirem de bases de retaguarda para os militantes, os parques nacionais são também centros de economias ilícitas.

Longe de serem fenómenos distintos, as VEO estão intimamente envolvidas nas economias locais ilícitas e informais, que são cruciais para as suas estratégias de governação nas áreas que controlam (ou que procuram controlar).³¹ De facto, os intervenientes ilícitos (nomeadamente contrabandistas e caçadores furtivos) desempenharam um papel fundamental ao ajudar o JNIM a reforçar a sua presença na zona da tripla fronteira, tirando partido do seu conhecimento do terreno.³²

Os parques nacionais e as zonas fronteiriças são áreas em que a governação do Estado tende a ser mais irregular, o que contribuiu para a sobreposição entre instabilidade e economias ilícitas.³³ As queixas resultantes das tentativas de proteger os parques nacionais, bem como a consequente perturbação das práticas socioeconómicas e culturais locais que dependiam do acesso ao parque e aos seus recursos, foram exploradas pelo JNIM para ganhar legitimidade aos olhos das comunidades nos arredores do complexo WAP.³⁴ Em fevereiro de 2023, por exemplo, foi noticiado que presumíveis militantes do JNIM conduziram uma campanha de recrutamento em várias aldeias nos arredores do Parque Nacional de Pendjari, durante a qual questionaram os residentes locais sobre os pormenores das disputas de terras em curso e se ofereceram para defender os interesses das vítimas.³⁵

Os parques nacionais, incluindo o Parque W, foram também identificados como uma zona onde os grupos extremistas violentos podem albergar as suas vítimas de rapto até à libertação.³⁶ Desde o incidente de rapto de maio de 2019 mencionado na introdução, o primeiro ataque conhecido realizado por uma VEO em território beninense, ocorreram 21 outros incidentes envolvendo VEO no Parque Nacional de Pendjari e 14 no Parque W de Alibori, com mais 34 eventos envolvendo VEO registados em cidades e aldeias do Benim nos arredores do complexo do parque.

Em junho de 2023, presumíveis militantes do JNIM ou do El Sahel assassinaram brutalmente dois caçadores furtivos no Parque W, o que sugere um agravamento das relações entre caçadores furtivos e militantes.³⁷ Em outubro de 2023, presumíveis membros do JNIM abriram fogo sobre caçadores furtivos no mesmo parque.³⁸ No outro lado do país, em julho de 2023, presumíveis combatentes do JNIM dispararam tiros de aviso no Parque de Pendjari, alegadamente para assustar alguns pescadores.³⁹

As comunidades locais do norte do Benim relataram confrontos entre elementos de uma VEO e caçadores, citando vários ataques de represália contra caçadores furtivos por terem terminado a sua colaboração com os extremistas armados (ver a secção “Organizações extremistas violentas: tipos de rapto” para mais pormenores sobre as ligações entre os caçadores e as VEO). Alguns destes incidentes envolveram raptos, direta ou indiretamente, e sublinham a importância dos raptos e da violência contra civis em termos mais gerais para os objetivos estratégicos das VEO.

Utilização estratégica da violência: alvos civis

A violência cometida pelo JNIM intensificou-se no norte do Benim desde finais de 2021.⁴⁰ Embora o grupo tenha uma presença regular em determinadas zonas, principalmente na comuna de Karimama, a partir do final de 2023, o grupo não tem atualmente nenhum bastião ou zona onde a sua influência seja incontestada no norte do Benim. Por outras palavras, ainda não conseguiram transformar nenhuma zona num porto seguro, fazendo deste um momento crucial para aprofundar as atividades de rapto do JNIM, a fim de compreender como o grupo comete raptos nas fases iniciais de uma insurreição.

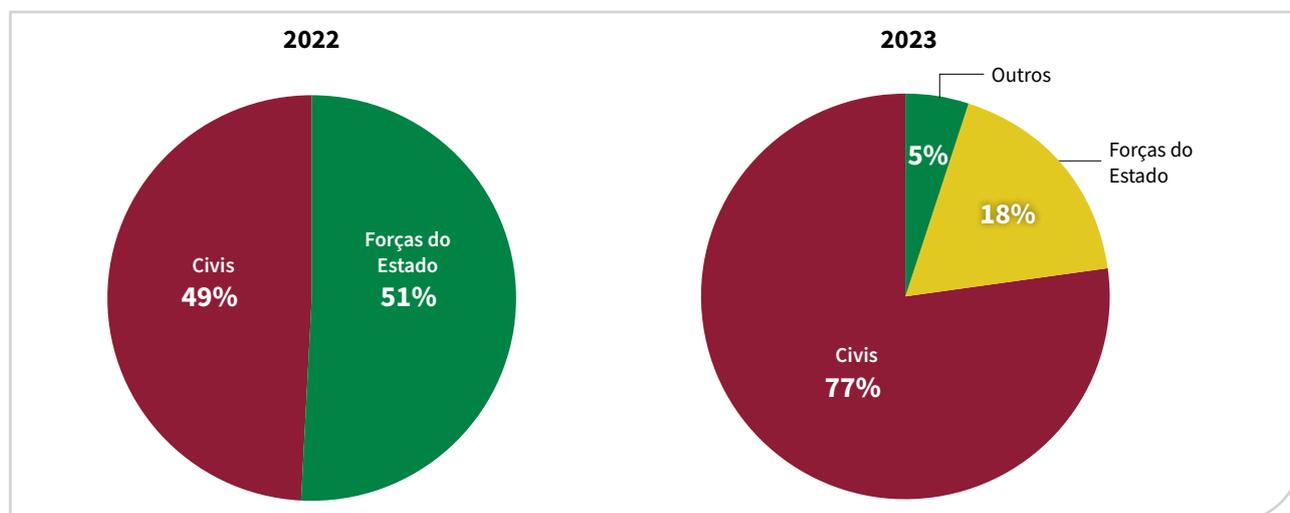
Uma das formas através das quais o JNIM procurou obter legitimidade nas fases iniciais da sua expansão para o norte do Benim foi demonstrando contenção (pelo menos parcial) ao selecionar civis como alvos.⁴¹ Em 2021 e no primeiro semestre de 2022, a violência contra civis às mãos de VEO foi comparativamente reduzida (houve apenas cinco incidentes registados de alvos civis visados por VEO nos primeiros seis meses de 2022, em comparação com 26 no segundo semestre do ano).

Isto não quer dizer que não tenham sido visados quaisquer civis; houve uma série de casos de recrutamento forçado bastante violento. Nas suas primeiras interações com civis, as unidades do JNIM no Parque W recorreram a ameaças e ao recrutamento forçado – uma tática que era menos comum nas suas abordagens iniciais às comunidades civis no Burquina Fasso.⁴² Contudo, de um modo geral, tal como no vizinho Burquina Fasso, o JNIM absteve-se de lançar ataques em grande escala contra as aldeias e as comunidades.

De acordo com uma ONG que opera no norte do Benim e que monitoriza o movimento de grupos extremistas violentos, “o JNIM adotou uma postura antigovernamental em vez de uma postura de intimidação e aterrorização da população”.⁴³ Os ataques têm visado sobretudo as forças de defesa e de segurança (através de ataques diretos ou de engenhos explosivos improvisados, EEI), bem como os guardas-florestais do complexo WAP, que são frequentemente considerados um alvo legítimo pelo grupo. Em 2022, as forças do Estado e os civis foram mais ou menos igualmente visados e/ou envolvidos em violência política às mãos das VEO (49 % e 51 % dos ataques, respetivamente).⁴⁴

A tendência geral parece, no entanto, ter-se alterado em 2023. Ao longo do ano, os civis foram as vítimas da grande maioria dos incidentes violentos que envolveram VEO (ver Gráfico 4). É provável que existam várias razões

Gráfico 4: Vítimas de violência das VEO no norte do Benim.



Fonte: Consórcio Clingendael/ACLED; autores

para este facto, incluindo um aumento das represálias contra os habitantes locais suspeitos de colaborarem com o governo, bem como a dificuldade do JNIM em angariar apoio local em Atacora, dependendo assim fortemente da violência contra civis para recrutar e incutir medo naqueles que se recusam a juntar-se a eles.

Um dos ataques mais violentos em que se suspeita do envolvimento de membros do JNIM teve lugar em julho de 2022, quando dez pastores foram mortos perto de Matéri, alegadamente por se terem recusado a alistar-se no grupo armado.⁴⁵ Em maio de 2023, cerca de 20 civis foram mortos e outros desapareceram em Kaobagou e Guimbagou, na província de Atacora.⁴⁶ Uma dúzia de pessoas foram também raptadas no âmbito destes ataques. Militantes do JNIM tinham entrado nas aldeias para exigir que os habitantes abandonassem as suas casas; os agricultores recusaram-se a abandonar os campos e as casas, pelo que foram raptados ou mortos. Este incidente é, no entanto, algo anómalo, uma vez que foi desencadeado por um conflito entre dois grupos étnicos no qual o JNIM só se envolveu numa fase posterior.

No entanto, tal violência em grande escala contra civis continua a ser uma ocorrência relativamente rara, mas mostra que o JNIM não se inibe, cada vez mais, de atacar civis (embora o grupo não reivindique tais ataques⁴⁷) quando confrontado com desobediência e resistência da comunidade, se entender que isso favorece os seus objetivos estratégicos.⁴⁸ De facto, nos casos em que as comunidades resistem – quer unilateralmente, quer em coordenação com o Estado – tal tem resultado repetidamente num aumento da violência por parte do JNIM.

Rapto: uma porta de entrada para as organizações extremistas violentas

Emergência da ameaça de rapto relacionado com o extremismo violento

A investigação da GI-TOC sublinhou que o rapto é uma economia ilícita que está particularmente associada aos conflitos e à instabilidade.⁴⁹ As fases iniciais da infiltração territorial das VEO – antes dos ataques regulares e diretos às forças de defesa e segurança, da intimidação da população ou da presença contínua em aldeias ou mercados – são, em certos contextos, acompanhadas por níveis mais elevados de raptos de cidadãos estrangeiros. Foi o caso do Burquina Fasso e do Mali, por exemplo.⁵⁰

No Benim, o panorama dos raptos relacionados com o extremismo violento partilha algumas características com o de outros países da região. Em maio de 2019, dois anos antes de as VEO começarem a reivindicar ataques no norte do Benim, o rapto de dois cidadãos franceses e o assassinato do seu guia beninense no Parque Nacional de Pendjari foi o primeiro evento a ser atribuído a uma VEO no Benim.⁵¹

O primeiro rapto realizado por uma VEO no Benim reflete a forma como os acontecimentos se desenrolaram quatro anos antes no Burquina Fasso, em abril de 2015, com o rapto de Iulian Ghergut, um cidadão romeno que trabalhava numa mina de manganês na região de Oudalan, perto das fronteiras com o Níger e o Mali. Adnan Abou Walid Sahraoui, na altura membro sénior do al-Mourabitoun, um grupo extremista violento próximo da AQMI, reivindicou a responsabilidade pelo rapto.⁵²

Ambos os raptos foram bem preparados e executados com um *modus operandi* semelhante: um comboio de veículos composto por vários carros, assassinato ou ferimento do condutor ou guia, rapto e condução rumo ao norte. Contudo, a semelhança fica por aqui. Enquanto os dois reféns franceses foram libertados uma semana depois no norte do Burquina Fasso por uma operação militar francesa,⁵³ Iulian Ghergut foi transferido para o reduto do grupo no norte do Mali, passou oito anos em cativeiro e só foi libertado em agosto de 2023.⁵⁴

Os dois reféns franceses dirigiam-se para o norte do Mali quando foram intercetados. Esta situação é típica para os reféns ocidentais capturados no Sahel, que são mantidos em cativeiro por unidades superiores do JNIM nos seus portos seguros no extremo norte do Mali. Segundo um perito em raptos com pedido de resgate do JNIM, “quando os reféns chegam ao Mali, não há libertação possível [através de uma operação militar], sendo o início de um processo diferente e muito mais longo: a negociação para o pagamento de um resgate”.⁵⁵ As forças militares francesas, cientes deste facto, intervieram rapidamente e seguiram os reféns em direção ao norte do Burquina Fasso, atacando assim que o comboio de veículos parou para fazer uma pausa.⁵⁶ Dois outros reféns, um americano e um sul-coreano, foram libertados nessa mesma noite.

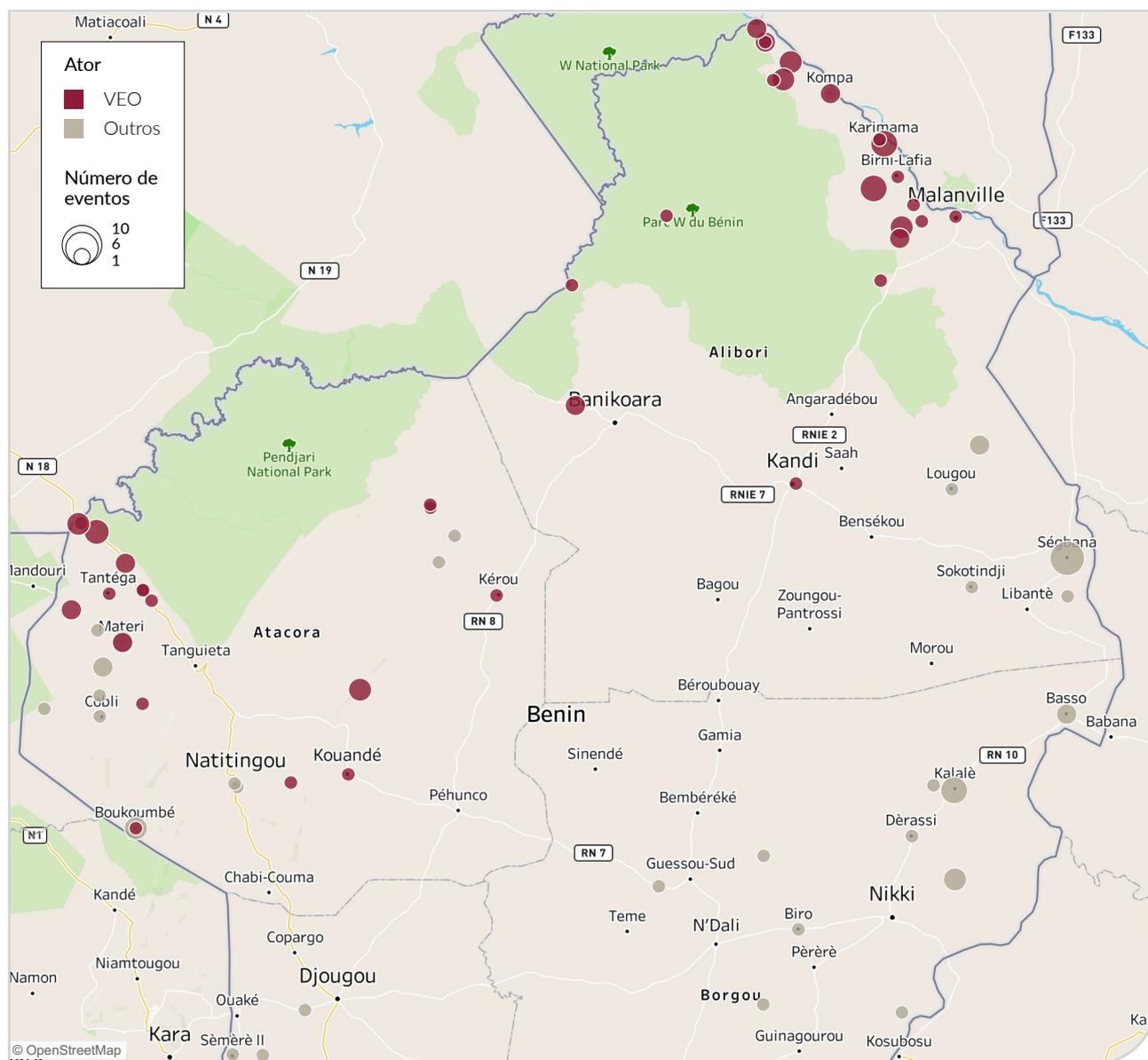
Uma vez que as VEO tenham estabelecido uma presença num determinado local, a presença de cidadãos estrangeiros tende a reduzir-se em resposta à ameaça acrescida à segurança. É nesta fase que a população

local se torna o principal alvo dos raptos realizados por VEO. Tal como no Sahel, os raptos cometidos pelas VEO também aumentaram na Costa do Marfim, à medida que intervenientes armados procuravam infiltrar-se nas comunidades locais do norte.⁵⁷

Panorama atual dos raptos no norte do Benim

Os incidentes de rapto eram raros em Atacora e Alibori até ao final de 2021 e praticamente não estavam relacionados com as atividades das VEO. No entanto, em 2022, registaram-se 24 raptos distintos em ambos os departamentos. Em novembro de 2023, esse número era de 75, mais do triplo do total do ano anterior. Embora nem todos os incidentes de rapto possam ser atribuídos a um tipo específico de autor (devido à falta de dados fiáveis), os incidentes atribuídos às VEO ainda representam mais de dois terços dos raptos no norte do Benim desde 2021; entre 2022 e 2023, 38 % de todos os raptos registados são atribuídos ao JNIM, com outros 29 % registados como tendo sido cometidos pelo JNIM ou pelo EI Sahel.⁵⁸

Gráfico 5: Incidentes de rapto no norte do Benim, 2016–2023.



Fonte: Consórcio Clingendael/ACLED; autores

Nota: A clara divergência entre as localizações dos incidentes de rapto relacionados com as VEO e dos incidentes de rapto não relacionados com as VEO ajuda a identificar padrões distintos. Cinco eventos registados no departamento de Borgou e na comuna de Segbana, em Alibori, foram originalmente atribuídos a VEO na base de dados do consórcio Clingendael/ACLED. Desde a publicação da versão em inglês deste relatório, essas atribuições de atores foram revistas. O mapa foi atualizado em conformidade.

Em termos geográficos, todos os raptos atribuídos a VEO no país, com exceção de um, ocorreram em Atacora e Alibori, que são também os dois departamentos mais afetados por outras formas de violência armada (a maior parte da qual é também cometida por presumíveis VEO), incluindo ataques armados, EEI e intimidação. Estes incidentes concentram-se quer perto da zona da tripla fronteira Benim–Togo–Burquina Fasso, em Atacora, quer ao longo da fronteira com o Níger, em Alibori.

Embora haja um número significativo de raptos não relacionados com as VEO nos dois departamentos, estes tendem a concentrar-se mais longe da fronteira norte, principalmente na comuna de Ségbana, em Alibori. A maioria dos casos de rapto não relacionados com as VEO ocorre normalmente mais a sul, no departamento de Borgou.

Os parques nacionais são zonas particularmente importantes em que atividades económicas ilícitas, incluindo o mercado dos raptos, se cruzam com a dinâmica dos conflitos no norte do Benim (na forma do complexo WAP) e na África Ocidental de uma forma mais geral.

Os raptos no interior dos parques são raros – o que não é surpreendente, uma vez que não é aqui que se concentram as populações civis – apesar de não serem inéditos. Por exemplo, em março de 2023, indivíduos armados suspeitos de pertencerem ao JNIM ou ao El Sahel raptaram dois caçadores furtivos no Parque W.⁵⁹ Em vez disso, o complexo WAP é utilizado principalmente como esconderijo para os reféns.⁶⁰ Uma dinâmica semelhante foi registada na Costa do Marfim, onde os militantes utilizam o Parque Nacional de Comoé, que faz fronteira com o Burquina Fasso a norte e o Gana a leste, para esconder reféns.⁶¹ Do mesmo modo, na Nigéria, florestas como as do Parque Nacional de Kainji, entre outras, desempenham um papel importante nos incidentes de rapto, como áreas isoladas onde os reféns são mantidos, tal como explorado mais adiante neste relatório (ver secção “Rapto com pedido de resgate”).

As duas secções seguintes do relatório analisam os dois principais tipos de rapto em separado, nomeadamente os raptos cometidos por VEO e os raptos com pedido de resgate (note-se, no entanto, que os dois tipos nem sempre se excluem mutuamente e que foram registados casos de rapto com pedido de resgate cometidos por extremistas armados para além do incidente de 2019 acima referido).

Organizações extremistas violentas: tipos de rapto

No norte do Benim, os raptos cometidos por VEO podem ser classificados em quatro tipos principais. Todos os quatro tipos contribuem para a expansão das VEO no país, que utilizam o rapto como instrumento (juntamente com ameaças, ataques diretos, EEI e outras formas de violência) para alargar as suas áreas de influência e impor as suas regras nessas áreas.⁶²

O primeiro tipo de rapto que se tem verificado no norte do Benim desde o início de 2022 é o rapto para recrutamento forçado.⁶³ O segundo é o rapto para recolha de informações. Em terceiro lugar, as VEO cometem frequentemente raptos como forma de punição. E, por último, praticam o rapto para fins de intimidação.⁶⁴ No entanto, tal não quer dizer que as VEO recorram a todos os tipos de forma igual, sendo que certos tipos de rapto podem ser mais comuns do que outros. Como os vários tipos de rapto servem diferentes funções, são frequentemente utilizados em diferentes fases de penetração das VEO num país – e o Benim não é exceção. Os quatro tipos de rapto no contexto do norte do Benim acima descritos – nomeadamente para aumentar as suas fileiras, para recolher informações, para punir e para intimidar – também foram detetados nos raptos cometidos por VEO no Mali e no Burquina Fasso.

Fases de penetração da VEO

Embora as VEO operem em grande parte do Sahel e da África Ocidental costeira, encontram-se em fases drasticamente diferentes de penetração nos vários países onde estão presentes. Tal como referido na secção anterior, as VEO estão muito mais enraizadas no Sahel, tendo consolidado o controlo sobre extensões de território, principalmente no Burquina Fasso e no Mali, ao longo da última década. No Benim, por outro lado, os primeiros sinais de atividade de VEO só surgiram em 2019 (ainda que existam algumas provas que sugerem atividade não violenta no país em anos anteriores).⁶⁵

Apesar de as diferentes fases de penetração das VEO no Benim (ou em qualquer outro lugar) nem sempre serem claras – podem sobrepor-se e as VEO podem mesmo estar em diferentes fases em diferentes áreas do

Gráfico 6: Matriz de tipo de rapto – fase de penetração.

FASE DE PENETRAÇÃO DA VEO	FASE DE PREPARAÇÃO	FASE INICIAL DE INFILTRAÇÃO	BASE DE APOIO ESTABELECIDADA	ENRAIZAMENTO
	TIPO DE RAPTO	RECRUTAMENTO FORÇADO –	RECRUTAMENTO FORÇADO ↑	RECRUTAMENTO FORÇADO –
	RECOLHA DE INFORMAÇÕES –	RECOLHA DE INFORMAÇÕES ↑	RECOLHA DE INFORMAÇÕES –	RECOLHA DE INFORMAÇÕES ↓
	PUNIÇÃO –	PUNIÇÃO –	PUNIÇÃO ↑	PUNIÇÃO ↓
	INTIMIDAÇÃO –	INTIMIDAÇÃO –	INTIMIDAÇÃO ↑	INTIMIDAÇÃO ↓

LEGENDA
 ↑ Tendência para aumentar* – Tendência para se manter em níveis semelhantes* ↓ Tendência para diminuir*

*Relativamente à fase anterior de penetração

Fonte: Autores

Nota: Este quadro generalizado baseia-se na dinâmica tanto do Benim, como do Burquina Fasso.

país – para fins analíticos, podemos identificar quatro grandes fases de penetração das VEO. Estas são a fase de preparação, a fase inicial de infiltração, o estabelecimento de uma base de apoio e o enraizamento.

Entre as primeiras manifestações da presença de VEO contam-se as visitas de reconhecimento, as visitas às mesquitas (e subsequente pregação nas mesmas), a aquisição de bens e outras atividades não violentas. Trata-se da fase de preparação, que no Benim pode ser considerada como tendo ocorrido até 2021.

A partir do final de 2021, as VEO começaram a fazer incursões mais regulares no norte do Benim e realizaram uma série de ataques diretos a alvos militares. Os ataques continuaram em 2022, como parte da fase inicial de infiltração do JNIM em Atacora e Alibori. No entanto, como já foi referido neste relatório, os militantes concentraram-se principalmente nas forças do Estado, tendo sido registados apenas cinco incidentes de alvos civis às mãos de presumíveis VEO até meados de 2022.

Esta situação mudou no verão de 2022. Nos últimos seis meses do ano, foram registados 104 incidentes relacionados com VEO no norte do Benim, 26 dos quais foram incidentes com alvos civis.⁶⁶ A partir de meados de 2022, é evidente que o JNIM se estabeleceu numa série de comunas em Atacora e Alibori, no Benim.⁶⁷

A última fase de penetração das VEO incluída no quadro analítico apresentado nesta secção é o enraizamento. Muitas vezes, quando intervenientes armados não estatais não só têm uma presença permanente e exercem elevados níveis de controlo sobre as populações locais, como também desenvolveram um sistema de governação (incluindo a prestação de serviços, bem como a prestação de justiça e a mediação de litígios, por exemplo), podem optar estrategicamente pela contenção dos seus níveis de violência contra civis.⁶⁸

Enquanto a fase de preparação tende a ser caracterizada por atividades não violentas, o recurso à violência é uma característica fundamental da fase inicial de infiltração das VEO. Os níveis de violência contra civis por parte das VEO podem, muitas vezes, refletir o grau de controlo territorial exercido por grupos específicos, havendo mais violência tipicamente em áreas onde existe contestação e onde esse controlo é fragmentado e instável.⁶⁹ Os raptos são um exemplo importante. Manifestam-se normalmente durante as fases inicial a intermédia da infiltração, quando o grupo tem algum grau de influência numa área, mas ainda não consolidou um controlo global e incontestado.

De facto, os incidentes de rapto – muitas vezes em conjunto com outras formas de visar civis – tendem a atingir o pico quando o grupo começa a aumentar as suas operações numa nova área. O número de raptos mantém-se elevado até que o grupo consiga afirmar um nível de influência forte e, em grande medida, incontestado (por outras palavras, a fase de enraizamento, a qual ainda não foi alcançada em nenhuma zona do norte do Benim), após o que o número tende a diminuir (embora os grupos continuem frequentemente a realizar alguns raptos para efeitos de verificação ou quando suspeitam da atividade de alguém).⁷⁰

Gráfico 7: Tipos de rapto por organizações extremistas violentas no norte do Benim.

TIPOS DE RAPTO POR VEO			
RECRUTAMENTO FORÇADO	RECOLHA DE INFORMAÇÕES	PUNIÇÃO	INTIMIDAÇÃO
ALVOS <ul style="list-style-type: none"> • Principalmente jovens e do sexo masculino • Encontros fortuitos (frequentemente em áreas florestais) • Muitas vezes, uma dimensão étnica 	ALVOS <ul style="list-style-type: none"> • Indivíduos numa determinada área geográfica de interesse • Indivíduos com conhecimentos cobijados 	ALVOS <ul style="list-style-type: none"> • Infratores de regras • Colaboradores com as forças do Estado/de segurança • Violação de acordo (incluindo desertores/trânsfugas) • Inclui líderes influentes 	ALVOS <ul style="list-style-type: none"> • Líderes influentes
FASE DE PENETRAÇÃO <ul style="list-style-type: none"> • Fase inicial de infiltração • Base de apoio estabelecida • Enraizamento (em menor grau) 	FASE DE PENETRAÇÃO <ul style="list-style-type: none"> • Fase inicial de infiltração • Base de apoio estabelecida • Enraizamento (em menor grau) 	FASE DE PENETRAÇÃO <ul style="list-style-type: none"> • Base de apoio estabelecida • Enraizamento (em menor grau) 	FASE DE PENETRAÇÃO <ul style="list-style-type: none"> • Base de apoio estabelecida • Enraizamento (em menor grau)
OBJETIVOS/RESULTADOS <ul style="list-style-type: none"> • Colaboração com as VEO (seja como combatentes, fornecedores ou prestadores de serviços) • Manter-se oculto (geralmente quando detetado por transeuntes) 	OBJETIVOS/RESULTADOS <ul style="list-style-type: none"> • Recolher informações sobre forças do Estado ou indivíduos específicos 	OBJETIVOS/RESULTADOS <ul style="list-style-type: none"> • Aceitação forçada da sua presença por intervenientes influentes e comunidades • Punição para dissuadir da resistência 	OBJETIVOS/RESULTADOS <ul style="list-style-type: none"> • Aceitação forçada da sua presença por intervenientes influentes e comunidades • Intimidação da população como sinal de força
OUTRAS CARACTERÍSTICAS <ul style="list-style-type: none"> • Frequentemente não comunicado • Principalmente à noite 	OUTRAS CARACTERÍSTICAS <ul style="list-style-type: none"> • Normalmente de curto prazo, libertação após fornecer as informações necessárias 	OUTRAS CARACTERÍSTICAS <ul style="list-style-type: none"> • Recolha de informações sobre a vítima e planeamento cuidadoso • Pode resultar em morte 	OUTRAS CARACTERÍSTICAS <ul style="list-style-type: none"> • Recolha de informações sobre a vítima e planeamento cuidadoso • Pode resultar em morte

Fonte: Autores

Na região do Sahel do Burquina Fasso, por exemplo, o número de raptos aumentou de forma constante entre 2016 e 2020 (de um caso registado para 29), atingindo um pico em 2021, com pelo menos 60 incidentes na região, à medida que o JNIM aumentava as suas operações; em 2022, quando o JNIM estava já enraizado na região do Sahel do país e a sua influência era largamente incontestada, o número de raptos diminuiu consideravelmente para 24.⁷¹

Tendo estabelecido as cronologias gerais associadas aos raptos realizados por VEO, o resto desta secção do relatório explora os quatro tipos de rapto mais pormenorizadamente (ver Gráfico 7).

Recrutamento forçado

O primeiro tipo de rapto, que se tem registado no norte do Benim (nomeadamente no departamento de Atacora) desde o início de 2020, é o rapto de jovens do sexo masculino (e, em menor grau, do sexo feminino) para recrutamento. O rapto para recrutamento forçado é difícil de identificar e analisar (tal como explorado mais adiante nesta secção); contudo, esta investigação identificou alguns fatores e dinâmicas gerais.

Este tipo de rapto começou a ocorrer nas fases iniciais da infiltração extremista, antes de as VEO realizarem ataques em grande escala contra as forças de segurança e de defesa e enquanto se mantinham discretas.⁷² Algumas das vítimas – que provavelmente foram visadas por razões específicas, sobretudo étnicas – regressaram às suas comunidades ao fim de semanas ou meses, enquanto outras nunca regressaram.

Líderes comunitários de Matéri e Tanguiéta, duas comunas de Atacora, explicaram que acham que a maioria das pessoas raptadas provavelmente acabou por se juntar às fileiras das VEO ou a trabalhar com elas de uma forma ou de outra.⁷³ Muitas vezes, se estes indivíduos regressam às suas comunidades de origem, pensa-se que colaboram com os intervenientes armados, recolhendo informações da sua área de origem ou fornecendo aos grupos bens básicos, como alimentos e combustível.⁷⁴ Os membros da comunidade em Atacora relataram o recrutamento de mulheres para as fileiras do JNIM, principalmente para espiar e fornecer alimentos aos militantes. De acordo com um deles, “identificámos alguns casos de mulheres que vão moer cereais três vezes por semana – portanto, um número significativo de vezes, mais do que o necessário para alimentar

apenas a sua família – por isso sabemos que elas os levam para aquelas pessoas [as VEO]”.⁷⁵ Embora seja difícil comprovar tais alegações, trata-se de uma percepção comum entre as comunidades do norte do Benim.

Em alguns casos, os raptos para recrutamento forçado são efetuados de forma oportunista ou por necessidade de manter o disfarce do grupo. Por outras palavras, indivíduos que se cruzem com membros de grupos extremistas podem ser raptados para impedir que façam a denúncia às autoridades. Isto ocorre mais frequentemente nos parques nacionais, Pendjari e Parque W, afetando largamente caçadores, pescadores, pastores que vivem no mato, bem como jovens das comunidades vizinhas que se dedicam a atividades ilícitas no parque.⁷⁶

Estas atividades ocorrem frequentemente à noite, quando o acesso ao parque é mais fácil devido ao menor número de patrulhas de segurança. No entanto, pela mesma razão, é também nessa altura que os militantes se movimentam nos parques. Se os seus caminhos se cruzarem, as vítimas podem ser raptadas pelo simples facto de terem visto os rostos dos membros da VEO, reconhecendo potencialmente alguns deles, podendo assim denunciá-los à polícia.⁷⁷ Membros da comunidade referem que alguns militantes da VEO são oriundos das suas próprias comunidades, o que aumenta os riscos de identificação.⁷⁸

Ao mesmo tempo, como estes caçadores profissionais atuam em violação das regras do Estado, são ideais como recrutas.⁷⁹ Discussões de grupos de foco na comuna de Tanguiéta, com aldeões que vivem na orla do parque, confirmaram que os caçadores do Parque de Pendjari foram os primeiros a saber da presença das VEO e colaboraram com as mesmas fornecendo recursos (alimentos, combustível e motos) em troca de permissão para continuar a caçar e, até mesmo, de proteção contra os guardas-florestais.⁸⁰

Tal como foi sublinhado no início desta análise, existem várias dificuldades em quantificar e analisar os raptos para recrutamento forçado. Em primeiro lugar, existem desafios na classificação do modo de recrutamento. As comunidades e os pais não utilizam habitualmente a palavra “rapto”, mas sim expressões como “desapareceu”, “partiu à procura de algo melhor, de uma oportunidade melhor” ou expressões semelhantes que não exprimem qualquer coação pela força.⁸¹ A realidade é pouco clara: enquanto alguns se juntam a estes grupos de livre vontade (por exemplo, depois de lhes ser oferecido dinheiro),⁸² os testemunhos confirmam que outros foram claramente recrutados à força através de rapto.⁸³

Em segundo lugar, as comunidades, incluindo os pais destes jovens do sexo masculino (e, em menor grau, do sexo feminino), normalmente não vão à polícia para reportar que os filhos desapareceram. Poderão, no máximo, referir a questão na sua comunidade, mas receiam que os seus filhos sejam acusados de pertencerem a uma VEO e sejam presos.⁸⁴ A desconfiança de longa data de muitas comunidades nestas áreas em relação à polícia também contribui para a baixa taxa de denúncias.

Em terceiro lugar, alguns membros da comunidade culpam as próprias vítimas, independentemente da forma como foram recrutadas, o que contribui ainda mais para a baixa taxa de denúncias. De acordo com as comunidades, muitas vezes os jovens recrutados (à força ou não) já estavam à margem da sociedade, envolvidos em atividades ilícitas no passado, sendo considerados “ovelhas negras” e vistos com desconfiança por elementos da comunidade.⁸⁵ Isto é particularmente relevante nos casos em que as vítimas se dedicam a atividades ilícitas nos parques nacionais, tal como descrito. No entanto, o que precede não se aplica a todos os perfis de pessoas raptadas.

Por último, outras práticas comuns são frequentemente confundidas com o rapto, o que complica a situação. O tráfico de jovens de ambos os sexos é um fenómeno regular, sobretudo em Atacora, o que não permite identificar os autores e as suas motivações. As comunidades locais referem-se frequentemente a estes fenómenos como “raptos culturais”, que incluem o recrutamento de raparigas para casamentos forçados (aos quais o JNIM se opõe) e de jovens do sexo masculino para trabalhos forçados, muitas vezes na Nigéria.⁸⁶ Estes raptos não são cometidos por VEO, mas sim por populações locais ou indivíduos de países vizinhos. Embora o rapto para fins de tráfico esteja fora do âmbito do presente relatório, é aqui referido para sublinhar a dificuldade em avaliar com precisão o fenómeno do recrutamento forçado no norte do Benim.

Recolha de informações

A recolha de informações é outra motivação significativa para os raptos no norte do Benim. Este facto foi identificado por investigações anteriores no Sahel como fundamental para a expansão das VEO, especialmente no caso do JNIM.⁸⁷ No Sahel e, em certa medida, no norte do Benim, o JNIM tenta utilizar a

violência de forma direcionada para atingir um objetivo específico, embora as manifestações de violência variem em certa medida, sendo definidas também pelo alvo.⁸⁸ A violência indiscriminada vai contra o derradeiro objetivo do grupo, que consiste em conquistar os corações e as mentes das comunidades e apresentar-se como um fornecedor legítimo de governação (uma alternativa ao Estado).⁸⁹ A recolha de informações – e um sistema de partilha de informações – é fundamental para a estratégia do grupo de utilizar violência direcionada para obter legitimidade e controlo.⁹⁰

Como já foi referido, algumas pessoas são recrutadas para espiar as suas comunidades e recolher informações sobre o paradeiro de indivíduos específicos ou sobre posições das forças de defesa e segurança.⁹¹ No entanto, quando os espiões que recrutaram não possuem as informações necessárias ou quando o grupo não tem ninguém numa determinada comunidade ou zona, recorrem ao rapto para interrogatório. As vítimas destes raptos são geralmente selecionadas devido à sua presença num local de interesse estratégico para o JNIM, ou devido ao seu perfil (os caçadores conhecem bem a topografia dos parques, por exemplo) – ou devido a ambos os fatores. Estes tipos de raptos são normalmente de curta duração (entre algumas horas e alguns dias) e a vítima é libertada após fornecer as informações que lhe são pedidas.

Um exemplo notável desta situação ocorreu em Loumbou-Loumbou (Karimama, departamento de Alibori) em setembro de 2022, quando alegados elementos do JNIM atacaram um campo militar em construção, queimando edifícios e camiões, e raptando três trabalhadores (dois dos quais conseguiram escapar).⁹² O terceiro foi mantido refém pelo grupo armado por vários dias, durante os quais alegadamente o interrogaram e lhe pediram o plano de construção do campo, antes de o libertarem.⁹³

Embora este incidente tenha sido de certa forma único, na medida em que ocorreu durante uma fase invulgar de comportamento errático por parte da unidade do JNIM liderada por Anifa em Alibori como resposta apressada à presença do El Sahel no departamento,⁹⁴ foram registados numerosos outros incidentes de rapto para efeitos de recolha de informações no norte do Benim.⁹⁵ Por exemplo, em novembro de 2023, dois indivíduos foram raptados por presumíveis membros de uma VEO na aldeia de Bonwalou, em Karimama, interrogados sobre as Forças Armadas Beninenses (Forces Armées Béninoises, FAB) e depois libertados.⁹⁶ Seis meses antes, presumíveis militantes do JNIM raptaram uma pessoa durante as celebrações do Ramadão numa aldeia de Kouande, interrogaram-na exaustivamente, libertando-a de seguida, sem pedido de resgate.⁹⁷

Punição

Além do recrutamento forçado e da recolha de informações, o JNIM, em particular, tem usado o rapto como forma de moldar o comportamento das comunidades locais que procura controlar no norte do Benim. Este tipo de rapto pode ter um caráter punitivo (para dissuadir da resistência) ou intimidatório (para demonstrar força e, assim, encorajar a colaboração ou o recrutamento).

Embora os grupos extremistas violentos que operam na África Ocidental (e noutras partes da África e do Médio Oriente) e que defendem pontos de vista islâmicos radicais sejam muitas vezes considerados simplesmente “terroristas”, são também intervenientes importantes nas guerras civis. Envolvem-se simultaneamente em táticas terroristas – como a violência contra civis, que é deliberada, sensacionalista, muitas vezes indiscriminada e geralmente com um objetivo simbólico mais vasto – e em comportamentos semelhantes aos dos insurgentes numa rebelião, principalmente a expansão territorial, entre outros.⁹⁸ Como tal, as ações das VEO no Benim podem ser avaliadas à luz da violência estratégica em guerras civis e não apenas como uma forma de terrorismo.

Os estudiosos das guerras civis destacam a força e a capacidade dos grupos rebeldes como um fator importante na decisão de usar a violência contra os civis: os grupos mais fracos (como os que ainda não se estabeleceram numa determinada área) são menos capazes de oferecer incentivos materiais aos civis para ganharem o seu apoio (ou, pelo menos, a sua aceitação tácita) e, por isso, têm de recorrer à violência como estratégia coerciva.⁹⁹

O rapto é uma dessas formas de violência. As VEO em Atacora e Alibori têm avisado as populações locais de que, desde que respeitem as regras impostas pelo grupo, serão poupadas à violência.¹⁰⁰ Estas regras incluem decretos religiosos (por exemplo, o respeito pela sharia e o uso do véu), bem como a proibição de partilhar informações ou de colaborar com as autoridades de qualquer outra forma.¹⁰¹

Contudo, podem também incluir diretivas gerais e, quando estas são violadas, os infratores são punidos, em alguns casos recorrendo ao rapto. Em agosto de 2023, por exemplo, um agricultor de Guene (Malanville) foi alegadamente raptado por presumíveis membros de uma VEO por cultivar em terras que os militantes afirmavam serem suas.¹⁰²

Tal como acontece com a maioria dos raptos registados em toda a região, mas particularmente no norte do Benim, onde o acesso à informação é limitado, na maioria dos casos em que um indivíduo foi raptado, a informação sobre o destino das vítimas é limitada. Os raptados podem ser libertados, mas noutros casos serão mortos numa fase posterior. É o que acontece, nomeadamente, quando o rapto é utilizado como instrumento de punição. No entanto, dado que os incidentes de rapto continuam a incluir o sequestro do refém, mesmo que este seja posteriormente morto, esta investigação considera o rapto para fins de punição um tipo distinto de rapto utilizado pelas VEO no norte do Benim.

Normalmente, os desaparecimentos forçados para fins de intimidação ou punição são direcionados, o que significa que a vítima foi identificada, que foram recolhidas informações sobre a vítima (muitas vezes com a ajuda de jovens recrutas, tal como descrito na secção anterior) e que o próprio rapto foi cuidadosamente planeado.

Quando civis comuns são visados pelos extremistas violentos, tal acontece frequentemente como castigo por colaborarem com as autoridades governamentais (ou, pelo menos, por as ajudarem de alguma forma). Pelo menos uma dúzia de civis foram raptados por suspeita de colaborarem com as forças governamentais entre 2022 e 2023, a maioria dos quais em Karimama e Malanville (departamento de Alibori).¹⁰³ Em março de 2023, presumíveis militantes de VEO raptaram um homem que pensavam estar a colaborar com as autoridades comunais no distrito de Guene, em Malanville.¹⁰⁴ Em julho de 2023, em Karimama, presumíveis membros do JNIM raptaram – e, posteriormente, mataram – um homem por trabalhar com o exército.¹⁰⁵ É provável que tenham ocorrido mais incidentes deste tipo, mas muitos não são comunicados às autoridades ou aos meios de comunicação social e, quando o são, os motivos subjacentes nem sempre são claros.

O número crescente de raptos que parecem ser represálias pela partilha de informações com o Estado realça os perigos manifestos envolvidos no facto de o governo recorrer às comunidades para recolher informações sobre os movimentos das VEO. Embora um determinado grau de policiamento comunitário seja amplamente considerado fundamental para a aplicação da lei, o esforço do governo do Benim para encorajar as comunidades a envolverem-se com as autoridades na denúncia do extremismo expõe-nas a um maior risco de ataque por parte das VEO.¹⁰⁶

As VEO também atacam indivíduos como punição por violarem um aparente acordo entre as duas partes. Entre estes podem estar incluídos aqueles que não prestam os serviços solicitados ou exigidos pelas VEO, membros das VEO que abandonam o grupo ou indivíduos que cometeram alguma outra forma de aparente violação de confiança.

Os operadores de câmbio, os comerciantes de gado, os caçadores e os lojistas, por exemplo, são vítimas comuns. Por vezes, aqueles que têm estado envolvidos com as VEO (por exemplo, para fornecer alimentos ou informações) decidem que não querem continuar e violam o acordo que têm com as mesmas.¹⁰⁷

Os caçadores são particularmente relevantes neste contexto. Como já foi sublinhado, nos primeiros tempos da presença de grupos extremistas no norte do Benim, os caçadores que operavam nos Parques de Pendjari e W colaboravam frequentemente com as VEO, fornecendo alimentos e outros recursos.¹⁰⁸ Também foram registados casos de caçadores locais que forneciam informações às VEO. Segundo uma fonte de segurança, num dos casos, um caçador do Parque W da zona de Karimama recebeu um telemóvel e contava com carregamentos de saldo regulares para fornecer às VEO informações sobre os movimentos dos militares beninenses.¹⁰⁹

Em troca do seu apoio logístico, as VEO permitiram que continuassem a operar nessas áreas. No entanto, esta relação baseada no serviço foi quebrada a partir de 2021, uma vez que a pressão crescente das forças armadas e de outros serviços de segurança aumentou os riscos de associação a extremistas violentos. Tal levou muitos caçadores e caçadores furtivos a retirarem o seu apoio logístico (ver caixa “As VEO e as economias ilícitas” para mais pormenores).¹¹⁰ As VEO podem, então, raptá-los como forma de punição (ou para transmitir a mensagem de que a violação de acordos com as mesmas será punida).¹¹¹

Embora não sejam comunicados à polícia ou aos meios de comunicação social, estes raptos são, no entanto, falados no seio das comunidades. As autoridades locais e tradicionais consideram que este tipo de raptos tem vindo a aumentar.¹¹² No início de março de 2023, por exemplo, dois caçadores furtivos foram raptados por alegados militantes do JNIM ou do EI Sahel no Parque W, em Alibori.¹¹³

Caixa 1: As VEO e as economias ilícitas

Como já foi sublinhado, os cidadãos locais que se envolvem em atividades tornadas ilegais pelo Estado, como a caça em zonas protegidas do complexo de parques nacionais, são particularmente relevantes para a análise do recrutamento e comportamento das VEO.

Desde 2017, a Rede de Parques Africanos (APN) é responsável pela gestão do Parque Nacional de Pendjari e, em 2020, assumiu as mesmas responsabilidades no Parque W. As medidas de conservação, impostas pouco depois de a APN assumir o controlo de ambos os parques, limitaram drasticamente as atividades de caça na comuna de Matéri, por exemplo, mas também tiveram um impacto na pesca, na pastorícia e na agricultura.¹¹⁴

Os caçadores locais tornaram-se, assim, recrutas ideais, pois conhecem bem os parques nacionais, estão normalmente armados e tinham-se posicionado em oposição às autoridades estatais devido ao seu envolvimento na caça em violação dos regulamentos estatais.

As medidas de conservação impostas pela APN em 2017 também limitaram o acesso e a circulação no próprio parque, o que teve impacto nos meios de subsistência locais e levou a atritos com as autoridades. As VEO capitalizaram estas frustrações – uma estratégia usada com sucesso noutros parques e zonas protegidas no Burkina Fasso e no Níger – oferecendo aos caçadores acesso livre ao parque em troca de se juntarem ao grupo ou de lhes fornecerem mantimentos.¹¹⁵ Ao mesmo tempo, porém, emitiram também orientações rigorosas sobre as espécies animais que os caçadores podiam ou não matar, de acordo com a sua interpretação da lei da sharia.¹¹⁶

Além dos caçadores, as VEO trabalham com uma vasta gama de intermediários que foram recrutados nas fases iniciais (à força ou de livre vontade) para lhes fornecerem combustível, alimentos, produtos médicos traficados, gado e outros produtos básicos.¹¹⁷ Entre os centros mais significativos de tráfico ilícito no norte do Benim contam-se as cidades fronteiriças de Malanville e Kourou-Koualou, nas fronteiras com o Níger e o Burkina Fasso, respetivamente.¹¹⁸

Áreas como estas sublinham as ligações entre as economias ilícitas, os extremistas violentos e a instabilidade mais geral. Em Kourou-Koualou (adjacente ao Parque Nacional de Pendjari), por exemplo, a natureza disputada do território, bem como a rápida progressão de grupos violentos, criaram um vazio de segurança que permitiu o desenvolvimento de economias ilícitas, tais como o contrabando de petróleo.¹¹⁹ Desde então, as FAB têm reforçado as medidas de segurança no território em disputa e nas suas imediações, o que, segundo alguns, levou a um aumento da violência contra civis (incluindo raptos) como retaliação.¹²⁰

Do mesmo modo, nas cidades e aldeias da periferia do Parque W em Alibori, a instabilidade criada pelas tensões intercomunitárias torna essas comunidades muito suscetíveis à infiltração. Na aldeia de Issènè, na comuna de Malanville, por exemplo, grupos extremistas terão fornecido armas a pastores Fulani em 2022, na sequência de uma disputa local com agricultores Dendi no ano anterior.¹²¹

A combinação específica do ambiente do parque nacional e da dependência generalizada de economias ilícitas e informais no norte do Benim torna a região particularmente vulnerável à expansão das VEO. E os raptos, tal como salientado noutras secções do presente relatório, são um instrumento através do qual as VEO moldam a sua relação com as comunidades que operam neste ambiente.

As mudanças na dinâmica dos conflitos, como os confrontos entre caçadores e as VEO, são um importante indicador da relação dos grupos armados com as comunidades locais. A monitorização da dinâmica local

para identificar tensões é um mecanismo importante para a conceção de intervenções, uma vez que pode fornecer informações sobre o grau de legitimidade de que as VEO gozam num determinado momento. Por outras palavras, quando a violência aumenta entre as VEO e certos elementos da comunidade – como os caçadores – isso pode ser interpretado como um sinal de tensão nas relações (notando ao mesmo tempo, no entanto, que a ausência de violência não é necessariamente um reflexo de apoio local).

Além das pessoas que têm uma relação baseada no serviço com elementos dos grupos armados, as VEO também visam indivíduos que desertam, renegam ou não cumprem as promessas de se juntarem aos grupos. Isto pode ser o resultado de uma maior pressão por parte das autoridades (em comparação com a fase inicial de infiltração das VEO, quando os seus movimentos e comunicações eram menos escrutinados), com o risco mais elevado de detenção a pesar mais do que os benefícios, ou porque, por uma razão ou outra, já não querem aceitar as regras ou condições que lhes são impostas pelo grupo.¹²²

Em junho de 2023, presumíveis militantes do JNIM raptaram um jovem em Gouande, Matéri, que se crê ter desertado do grupo armado.¹²³ Os desertores também foram perseguidos depois de terem abandonado por completo as suas áreas locais. Num dos casos, um comerciante beninense (que alegadamente fornecia medicamentos a presumíveis VEO), que meses antes tinha sido raptado pelos intervenientes armados, foi morto. Depois de ter conseguido escapar ao sequestro, foi viver para o vizinho Níger, numa pequena aldeia chamada Tenda, a menos de 20 quilómetros do principal posto fronteiriço entre Malanville e Gaya. Foi reconhecido num mercado local, seguido até à sua aldeia natal em Monsey, raptado e, por fim, morto por um membro da VEO.¹²⁴

Mesmo as pessoas que nunca aderiram formalmente ou colaboraram ativamente com as VEO correm risco de serem vítimas. Houve relatos de indivíduos que tinham, aparentemente, prometido às VEO juntarem-se a elas, mas que mais tarde as renegaram, tendo sido raptados e/ou mortos. Embora as vítimas sejam por vezes forçadas a tornarem-se membros (por outras palavras, recrutamento forçado, como descrito acima), os indivíduos podem ser libertados após um certo período de tempo e subsequentemente forçados a fugir (muitas vezes para a vizinha Nigéria), ou podem simplesmente ser mortos.

Durante a nossa recolha de dados, foram relatados vários incidentes deste tipo, que incluíram a localização do indivíduo por parte das VEO, tendo as fontes referido que muitos destes casos terminaram com o homicídio da vítima.¹²⁵ Por exemplo, dois jovens Fulani foram raptados em Karimama, no início de 2022, e levados para o Níger, onde foram mortos, muito provavelmente pelo El Sahel, porque tinham prometido juntar-se a eles (tendo mesmo recebido um montante em dinheiro da VEO), tendo posteriormente desistido.¹²⁶ Em novembro de 2023, presumíveis militantes do JNIM raptaram dois jovens na aldeia de Petchinga, Karimama, que alegadamente se recusaram a juntar-se à VEO.¹²⁷

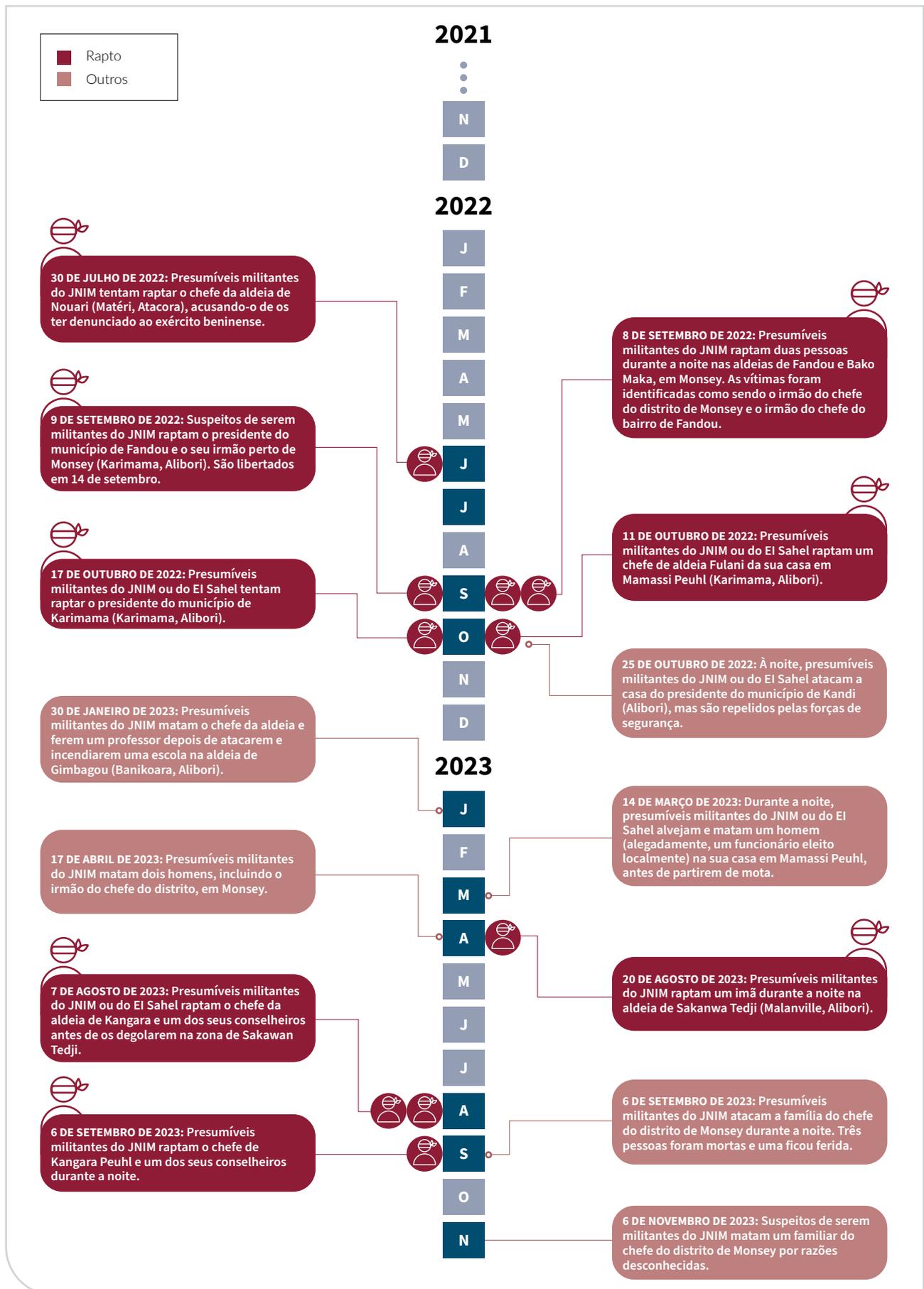
Intimidação

Embora uma grande variedade de pessoas possa ser alvo de raptos, as autoridades tradicionais e locais (chefes de aldeia), os líderes religiosos e qualquer pessoa influente ou que ocupe uma posição estratégica na comunidade que o JNIM está a tentar governar são particularmente vulneráveis. As famílias destes indivíduos também estão frequentemente em risco. Quando as VEO visam líderes comunitários e outros em cargos de autoridade, o objetivo estratégico é geralmente coagi-los a darem-lhes o seu apoio (ou, pelo menos, intimidá-los a não agir ativamente contra as mesmas), ameaçar outros para que se juntem à sua causa ou, em alguns casos, remover ou afastar fisicamente símbolos do Estado.¹²⁸

No norte do Benim, não houve registo de raptos de líderes influentes até meados de 2022 (ver Gráfico 8). No entanto, a partir de julho de 2022, as FAB reforçaram visivelmente a sua presença física em muitas das aldeias do norte do Benim afetadas pela propagação do extremismo violento.¹²⁹ Este facto inspirou um certo grau de confiança em alguns segmentos da população, que cada vez mais confiava nos militares e colaborava com os mesmos.

Além disso, por esta altura, foram introduzidos novos regulamentos que exigiam que as autoridades locais registassem todos os novos residentes (nacionais e estrangeiros).¹³⁰ Dado o risco que este novo escrutínio dos recém-chegados a uma área representava para os membros das VEO que procuravam infiltrar-se em novas comunidades, as autoridades locais ficaram cada vez mais expostas a serem alvo das VEO, quer como castigo pela colaboração (ver secção anterior), quer como aviso aos chefes das aldeias e outros para se absterem de colaborar com as FAB.

Gráfico 8: Violência de VEO contra líderes influentes no norte do Benim.



Fonte: Consórcio Clingendael/ACLEd; autores

Entre julho e outubro de 2022, foram registados seis incidentes de rapto de pessoas influentes em Atacora e Alibori.¹³¹ Cinco deles tiveram lugar em Karimama, uma comuna em Alibori, na fronteira com o Níger e junto ao rio Níger, perto do Parque W. Esta comuna é um dos principais centros de extremismo violento do norte do Benim, com relatos frequentes de incidentes com EEI, ataques a guardas-florestais e forças de segurança, raptos, pregação radical em mesquitas e outras formas de presença de VEO.¹³²

Nomeadamente, em outubro de 2022, um chefe da aldeia de Mamassi Peuhl (uma aldeia em Karimama) foi raptado por extremistas violentos.¹³³ Continua em cativeiro e, embora as circunstâncias do seu rapto não sejam claras, sabe-se que era próximo das autoridades e foi alegadamente denunciado por membros da sua comunidade a uma VEO por ter partilhado informações com o exército.¹³⁴ Uma semana mais tarde, militantes armados tentaram raptar o presidente da câmara de Karimama, mas não conseguiram.¹³⁵ Da mesma forma, na comuna de Matéri, em Atacora, presumíveis combatentes do JNIM tentaram raptar o chefe de uma aldeia chamada Nouari, alegando que este tinha denunciado os seus movimentos às forças armadas.¹³⁶ Estes casos sublinham a intersecção dos fatores impulsionadores e dos resultados desejados dos diferentes tipos de rapto por parte das VEO, uma vez que não só servem para assustar outros potenciais futuros colaboradores, como também podem funcionar como uma forma de punição em si mesmos.

Após dez meses de tréguas, em agosto e setembro de 2023 assistiu-se ao regresso dos raptos de líderes influentes cometidos por VEO.¹³⁷ Durante a primeira semana de agosto, VEO raptaram o chefe da aldeia de Kangara, uma aldeia em Karimama, e um conselheiro, antes de os transferirem para Malanville, onde foram mortos.¹³⁸ Algumas semanas mais tarde, presumíveis militantes do JNIM raptaram um imã na aldeia de Sakanwa Tedji, em Malanville.¹³⁹ Por último, um chefe de aldeia e um dos seus conselheiros foram raptados por presumíveis elementos do JNIM em Kangara Peuhl, outra aldeia de Karimama.¹⁴⁰

Rapto com pedido de resgate

Tal como no Sahel, os extremistas violentos no norte do Benim dedicam-se normalmente a raptos com objetivos estratégicos ao invés de financeiros. Desde 2019, apenas foram registados 13 incidentes de rapto em Atacora e Alibori em que foi pedido um resgate (ver Gráfico 9).¹⁴¹ Isto representa apenas 13 % dos 101 incidentes de rapto registados no norte do Benim. Embora seja provável que se trate de uma subcontagem, dada a sensibilidade da comunicação de pedidos de resgate e os desafios relacionados com a recolha de dados, a proporção reduzida indica, provavelmente, que muitos raptos não são essencialmente motivados por um pedido de resgate.

Gráfico 9: Incidentes de rapto registados no norte do Benim que envolvem um resgate.

Data	Departamento	Comuna	Notas	Resgate	Suspeito de ser autor do crime
19/10/2020	Atacora	Natitingou	Homens armados desconhecidos raptaram e pediram um resgate por um civil do sexo masculino na aldeia Fulani de Moukokotammou, no bairro Chirimina de Natitingou.	Desconhecido	Não identificado
01/02/2022	Alibori	Ségbana	Em Ségbana, um conselheiro local e abastado criador de gado da comunidade Fulani foi raptado em fevereiro de 2022, tendo sido exigido um resgate de 7 milhões de nairas.	7 000 000 de nairas (15 000 €)	Não identificado
02/09/2022	Atacora	Tanguiéta	Presumíveis membros do JNIM raptaram um idoso Fulani em Ndahonta. Os raptadores exigiram um resgate de 10 milhões de francos CFA.	10 000 000 CFA (15 260 €)	JNIM

Data	Departamento	Comuna	Notas	Resgate	Suspeito de ser autor do crime
01/03/2023	Alibori	Ségbana	Um negociante de dinheiro Hausa foi vítima de rapto, tendo sido libertado depois de esvaziar e entregar o seu cofre em março de 2023.	Desconhecido	Não identificado
12/05/2023	Atacora	Boukoumbe	Um grupo armado não identificado sequestrou um pastor em Boukoumbe. Inicialmente, os raptadores exigiram 10 milhões de francos CFA, mas depois baixaram o montante para 6 milhões de CFA, antes de libertarem a vítima.	6 000 000 CFA (9 156 €)	Não identificado
02/06/2023	Atacora	Cobli	Um grupo armado não identificado sequestrou um homem Fulani idoso em Tokibi. Foi libertado alguns dias mais tarde, em 6 de junho, após o pagamento de um resgate de 6 milhões de francos CFA.	6 000 000 CFA (9 156 €)	Não identificado
21/07/2023	Atacora	Matéri	Um grupo armado não identificado sequestrou um pastor Fulani abastado perto de Matéri. Os raptadores pediram ao irmão da vítima um resgate de 5 milhões de francos CFA, mas este não foi pago.	5 000 000 CFA (7 630 €)	Não identificado
29/08/2023	Atacora	Cobli	Um grupo armado não identificado sequestrou um homem Fulani em Cobli. O grupo exigiu um resgate, mas não especificou o montante.	Desconhecido	Não identificado
11/10/2023	Atacora	Matéri	Um grupo armado não identificado sequestrou um pastor Fulani no distrito de Samahoun, em Tchahoun Cossi. Foi feito um resgate de 15 milhões de francos CFA.	15 000 000 CFA (22 890 €)	Não identificado
19/10/2023	Alibori	Banikoara	Um homem de Keremou foi raptado e mais tarde libertado. Pensa-se que o homem terá pago um resgate, de montante desconhecido, para garantir a sua libertação.	Desconhecido	JNIM/EI Sahel
03/11/2023	Alibori	Ségbana	Um grupo armado não identificado sequestrou dois indivíduos em Guenelaga. Foi pedido um resgate de 5 milhões de francos CFA para cada uma das vítimas.	10 000 000 CFA (15 260 €)	Não identificado
16/11/2023	Atacora	Cobli	Um grupo armado não identificado sequestrou um indivíduo Fulani da sua casa em Tapoga. Foi exigido um resgate de 300 000 francos CFA para a sua libertação.	300 000 CFA (458 €)	Não identificado
20/11/2023	Atacora	Matéri	Um grupo armado não identificado sequestrou um pastor em Nodi. Os raptadores contactaram a família e exigiram um resgate de 4 milhões de francos CFA.	4 000 000 CFA (6 104 €)	Não identificado

Fonte: Consórcio Clingendael/ACLED; autores

Rapto com pedido de resgate por presumíveis VEO

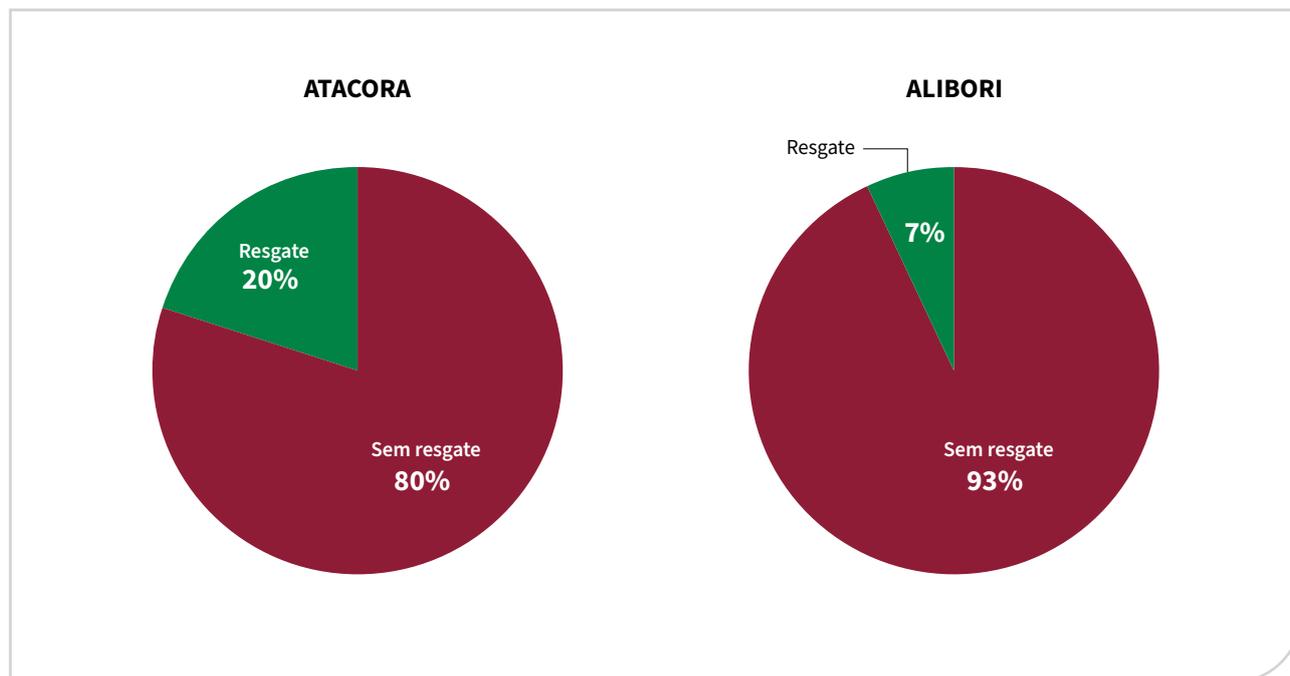
Apenas em dois destes 13 casos em que terá sido pedido um resgate é que os presumíveis autores foram identificados nos relatórios como membros do JNIM ou do EI Sahel.¹⁴²

Num deles, os presumíveis membros da VEO (muito provavelmente do JNIM) visaram um pastor abastado e exigiram um resgate de 10 milhões de francos CFA (15 260 €).¹⁴³ Dado o nível de suspeita e medo das comunidades (que nem sequer dizem a palavra “jihadista” para o caso de estarem a ser ouvidas ou espiadas), falar de resgates, que equivalem ao financiamento de grupos armados, é um assunto extremamente delicado.¹⁴⁴

Os raptos com pedido de resgate são geralmente bem preparados, uma vez que têm como alvo indivíduos conhecidos por serem abastados, como os pastores, um alvo chave para as VEO e outros grupos armados. O mais provável é que sejam espiados durante vários dias para se conhecerem os seus hábitos e que as negociações de resgate sejam feitas diretamente entre a família da vítima e a VEO.¹⁴⁵

No entanto, de um modo geral, os resgates não são considerados o principal fator impulsionador da maioria dos raptos cometidos pelo JNIM e pelo EI Sahel no norte do Benim.¹⁴⁶ Esta situação reflete as tendências do Sahel, onde, nos últimos anos, os interesses estratégicos – sob a forma de recrutamento, intimidação, punição e recolha de informações – têm repetidamente suplantado a procura de lucro como motivação primária subjacente à maioria dos incidentes de rapto que visam habitantes locais (ver Caixa 2).¹⁴⁷

Gráfico 10: Proporção de casos de rapto no norte do Benim que alegadamente envolvem um resgate.



Fonte: Consórcio Clingendael/ACLED; autores

Caixa 2: O rapto como fonte de financiamento dos grupos armados no Sahel

A indústria dos raptos no Sahel mudou drasticamente desde o início da crise de segurança no norte do Mali, em 2012. Na primeira década dos anos 2000, grupos afiliados da Al-Qaeda raptaram ocidentais, com pedido de resgate, por todo o Sahel.

O rapto e os pedidos de resgate de cidadãos estrangeiros geraram receitas significativas para os grupos extremistas que operam no norte do Mali e, em certa medida, apoiaram a sua posterior expansão na sub-região após 2012. Entre 2003 e 2012, quase 100 ocidentais (sobretudo turistas)¹⁴⁸ foram raptados no Sahel, gerando um total de quase 90 milhões de dólares em resgates, segundo algumas estimativas, só para a AQMI.¹⁴⁹ Os raptos com pedido de resgate eram, por isso, extremamente lucrativos e, possivelmente, a maior fonte de financiamento dos grupos afiliados da Al-Qaeda no Sahel na altura.

Em 2017, a indústria dos raptos mudara drasticamente. A diminuição do número de visitantes estrangeiros obrigou a uma mudança de estratégia. As pessoas originárias do Sahel tornaram-se os principais alvos; 97 % das pessoas raptadas no Mali desde 2012 têm sido autóctones.¹⁵⁰ Os pedidos de resgate tornaram-se muito menos frequentes e, nos casos em que ocorreram, o seu valor foi substancialmente inferior. Assim, as motivações financeiras parecem ter cedido lugar a outros objetivos estratégicos.

Rapto com pedido de resgate não realizado por VEO

Desde 2016, o Benim tem registado uma vaga de raptos em que terá sido feito um pedido de resgate. Considerados como sendo a evolução de uma combinação de banditismo desde 2005 e de um crime importado da Nigéria, os chamados raptos criminosos são principalmente um fenómeno que ocorre no seio das comunidades de pastores no Benim.¹⁵¹

Os alvos fazem normalmente parte da comunidade de pastores, muitas vezes famílias abastadas que possuem ou comercializam gado. Dos 19 casos de rapto que envolveram um resgate em Atacora, Alibori e Borgou, em 13 dos casos a vítima era pastor, criador ou comerciante de gado e/ou membro da comunidade Fulani.¹⁵² Em alguns casos, os incidentes terão envolvido a cooperação de alguém da própria família.¹⁵³ Estes raptos estão, por vezes, associados ao roubo de gado, em que os agressores roubam simultaneamente o gado e fazem reféns os pastores, refletindo tendências evidentes noutros locais do Sahel.¹⁵⁴

Em termos geográficos, foram registados vários raptos (31 desde 2022) em que se crê que o autor não esteja associado às VEO reportadas no norte de Alibori (especialmente nos distritos ou cidades que fazem fronteira com o Níger) e no departamento de Atacora, em particular nas comunas de Matéri e Tanguiéta (com as vítimas a serem mantidas na fronteira togolesa nas montanhas de Boukoumbé).¹⁵⁵ No entanto, estes raptos com pedido de resgate, que se crê serem cometidos por outros intervenientes que não o JNIM e o El Sahel, concentraram-se, em grande medida, mais a sul, principalmente na região vizinha de Borgou e mais a sul, no Plateau.¹⁵⁶

Até meados de 2020, os raptos com pedido de resgate eram sobretudo entendidos como um fenómeno intra-Fulani que era, depois, tratado pela comunidade.¹⁵⁷ Desde então, os incidentes aumentaram, passando a visar um perfil mais alargado de indivíduos, tanto no seio da comunidade Fulani como fora dela, incluindo um funcionário local,¹⁵⁸ um diretor de escola¹⁵⁹ e um empresário.¹⁶⁰

Só na comuna de Ségbana, foram registados pelo menos 16 raptos bem-sucedidos com pedido de resgate entre 2020 e 2023.¹⁶¹ Os resgates exigidos variavam entre 300 000 francos CFA e 20 milhões de francos CFA (457 € a 30 490 €), tendo as negociações frequentemente reduzido o montante efetivamente pago.¹⁶² Devido ao aumento do número de casos e aos elevados valores de resgate envolvidos, a questão começou a ser mais publicitada e a ser levada a sério pelas autoridades.¹⁶³

Uma vez que o aumento do número de raptos com pedido de resgate ocorreu paralelamente à expansão de grupos extremistas violentos no Benim, é natural que muitos receassem que os dois fenómenos estivessem relacionados e que os raptos financiassem as unidades do JNIM e do El Sahel que operam no Benim.¹⁶⁴ No entanto, as fontes assinalaram uma série de indicadores que, quando analisados em conjunto, sugerem um fenómeno ligeiramente distinto, cometido por diferentes atores.

O primeiro indicador refere-se às cronologias: os raptos, principalmente entre a comunidade Fulani, eram uma ocorrência comum no Benim muito antes da chegada das VEO. E embora seja provável que a chegada das VEO tenha perturbado as dinâmicas criminosas existentes, é improvável que tenha posto fim aos chamados raptos criminosos. O segundo refere-se ao facto de a geografia ser, na sua maioria, diferente: o JNIM e o El Sahel, estabelecidos no Burkina Fasso e no Níger, operam sobretudo no norte das duas regiões mais setentrionais do Benim (Atacora e Alibori). Um grupo diferente de intervenientes, incluindo bandidos e VEO sediadas na Nigéria, tende a operar mais a sul, ao longo da fronteira com a Nigéria.

Em terceiro lugar, há diferenças notáveis no modus operandi. Os raptos com pedido de resgate cometidos por autores não identificados são normalmente realizados por grupos em motos. A maioria das vítimas é levada em direção à Nigéria, atravessando florestas e cursos de água e viajando por caminhos que não são utilizados com frequência. Os raptos deixam um número de telefone nigeriano para o qual a família da vítima pode ligar para estabelecer contacto e negociar o resgate.¹⁶⁵

Depois de os fundos serem recolhidos pela família, combinam um ponto de encontro, muitas vezes na própria Nigéria ou em zonas fronteiriças, sendo o Parque Nacional de Kainji um ponto de encontro privilegiado tanto para manter os reféns, como para negociar a sua libertação.¹⁶⁶ O montante do resgate é frequentemente negociado em nairas, a moeda nigeriana. Como explicou um líder local em Ségbana:

Quando raptam as vítimas, levam-nas para o mato, para a Nigéria, e pedem aos pais que venham entregar o dinheiro. Os pais sabem a quem telefonar para obter o dinheiro. Juntam-se ou vendem os bois para angariar o dinheiro e depois vão pagar aos raptadores. Os raptadores dizem-lhes onde deixar o dinheiro e, à noite, marcam encontro. Escondem-se num sítio onde podem ver a pessoa sem serem vistos por ela. Quando o dinheiro é depositado, dizem à pessoa que o trouxe para dar meia volta ou ir a algum lado para encontrar o familiar raptado.¹⁶⁷

Todos estes elementos apontam para a existência de um fenómeno distinto dos raptos cometidos pelas unidades do JNIM e do EI Sahel que operam nas fronteiras do Níger e do Burkina Fasso, indicando, pelo contrário, uma ligação mais forte a intervenientes na Nigéria.

As potenciais alianças entre elementos extremistas no Sahel e grupos armados não estatais na Nigéria (quer se trate de grupos de bandidos ou de VEO) são motivo de preocupação há mais de uma década. Tem sido sugerido que um dos potenciais fatores impulsionadores da expansão do JNIM para o norte do Benim foi, em primeiro lugar, o desejo do grupo de criar um corredor do Sahel para a Nigéria.¹⁶⁸ Os incidentes de rapto alegadamente levados a cabo por intervenientes sediados na Nigéria em zonas sob a influência do JNIM alimentaram ainda mais essas preocupações.

A expansão geográfica das VEO sediadas na Nigéria e no Sahel aproxima cada vez mais as suas áreas de atuação. As VEO sediadas na Nigéria têm vindo a deslocar-se para o noroeste da Nigéria desde 2013 e, mais recentemente, foram documentadas “incursões de membros [de grupos extremistas violentos no noroeste da Nigéria] em aldeias nos departamentos de Alibori e Borgou para se abastecerem de mantimentos, rezarem e pregarem à população”.¹⁶⁹

Em novembro de 2021, um funcionário do Estado do Níger afirmou que o Estado Islâmico na Província da África Ocidental (ISWAP) estava a tentar estabelecer um “califado” em torno do Parque Nacional de Kainji (onde, como mencionado, é sabido que os raptadores mantêm os seus reféns).¹⁷⁰ No início de 2022, o governo federal da Nigéria ordenou uma operação militar em grande escala com o objetivo de expulsar do Parque Nacional os elementos suspeitos de pertencerem ao ISWAP.¹⁷¹ Em outubro de 2022, as forças armadas nigerianas repeliram um ataque a uma base militar onde estavam detidos vários altos dirigentes de VEO, na cidade de New Bussa, no Estado do Níger, nos arredores do Parque Nacional de Kainji.¹⁷²

Não é claro que intervenientes estão predominantemente por trás da crescente incidência de fenómenos de rapto com pedido de resgate no norte do Benim, embora os dados existentes sugiram que estão sediados na Nigéria. Além disso, as potenciais alianças entre os diferentes grupos armados não estatais e os atores criminosos que operam no norte do Benim e no noroeste da Nigéria continuam a exigir uma investigação mais aprofundada.

Conclusões e recomendações

Desde 2021, o JNIM e, em menor grau, o EI Sahel reforçaram as suas operações e a sua presença no norte do Benim.¹⁷³ Os civis têm sido as vítimas da crescente violência extremista. Uma faceta deste aumento da violência tem sido o aumento dos raptos registados desde 2019, passando de apenas um incidente registado para 75 em 2023, 69 % dos quais durante este período terão sido às mãos do JNIM ou do EI Sahel.

Este aumento dos raptos causou sofrimento generalizado às vítimas e respetivas famílias. Além disso, dado que as VEO no Benim estão a tirar partido dos raptos para aumentarem o número de recrutas, recolherem informações e punirem indivíduos que se considera terem quebrado as promessas feitas aos grupos, tal também tem ramificações importantes para a sociedade em geral, sob a forma de um aumento da força e da influência dos grupos extremistas.

Com base nas conclusões da presente investigação e na literatura existente sobre a expansão das VEO para a África Ocidental costeira, as ligações entre os intervenientes armados e as economias ilícitas, bem como a utilização do rapto como instrumento de governação, apresentamos as seguintes recomendações políticas:

- **Desenvolver um programa de proteção eficaz para os desertores.** Muitos dos alvos dos raptos levados a cabo pelas VEO são indivíduos que desertaram. Além do imperativo moral de preservar a vida, os desertores são uma fonte de informação fundamental, pelo que protegê-los de represálias é crucial para a recolha de informações. Além disso, garantias mais fortes de proteção (juntamente com um programa de amnistia abrangente, como recomendado acima) são suscetíveis de incentivar a deserção em maior número. As autoridades estatais devem assegurar que os desertores não sejam colocados em maior risco de represálias por parte das VEO, libertando antigos membros (suspeitos) de grupos extremistas armados sem medidas de mitigação de risco e proteção adequadas, para serem seguidos e usados como isco num esforço para atingir outros elementos das VEO.
- **Explorar programas de amnistia para os indivíduos que se juntaram às VEO.** O rapto para recrutamento forçado é um mecanismo utilizado pelas VEO para reforçarem as suas fileiras. As vítimas que procuram desertar não só correm o risco de serem punidas pelas VEO, como também são suscetíveis de serem visadas pelas autoridades estatais (frequentemente enviadas para o Tribunal para a Repressão de Crimes Económicos e de Terrorismo) com um escrutínio mínimo das suas circunstâncias específicas. Durante o mandato do anterior presidente, Mohamed Bazoum, as autoridades nigerinas reconheceram a necessidade de diálogo com os extremistas violentos e introduziram um programa de incentivo à deserção dos militantes, bem como de prevenção da radicalização numa primeira fase.¹⁷⁴ O governo do Benim deveria adotar uma abordagem semelhante e tornar o diálogo um elemento importante da sua estratégia antiterrorista. Todos os programas de desmobilização, desradicalização e reintegração devem incluir formação profissional ou outras vias de emprego remunerado.
- **Reforçar as infraestruturas locais para aumentar a capacidade de resiliência das comunidades face aos raptos e a outras formas de violência.** É necessário reforçar a cobertura da rede telefónica no norte do Benim, em especial nas zonas propensas a raptos. Esta medida facilitaria a comunicação e permitiria aos habitantes locais alertar rapidamente os familiares e as autoridades em caso de rapto. Além disso, é fundamental um maior investimento no desenvolvimento das infraestruturas rodoviárias, em especial das estradas rurais. As más condições das estradas agravam os riscos de segurança, obrigando as pessoas a conduzir mais devagar, deixando-as mais vulneráveis a ataques. A melhoria das estradas também permitiria que as FAB intervissem de forma mais rápida e eficaz ao surgirem os primeiros relatos de um rapto.
- **Incorporar os incidentes de rapto nos mecanismos de recolha de dados nacionais e da CEDEAO que procuram compreender a atividade das VEO.** A experiência adquirida no Burquina Fasso sublinha a correlação entre o rapto e a implantação de grupos extremistas violentos em novas áreas. À medida que procuram ganhar terreno, os raptos aumentam como parte de uma estratégia mais vasta de intimidação e recolha de informações. Uma vez consolidada a sua influência numa determinada zona, o rapto é menos útil e os casos diminuem. Como tal, a generalidade dos raptos pode funcionar como um barómetro do enraizamento das VEO numa determinada área. Na medida do possível, as bases de dados ECOWARN deverão incluir dados sobre pedidos de resgate e ser desagregadas por género.
- **Reconstruir as estruturas de cooperação internacional com os países vizinhos.** Em 2022, os governos do Benim e do Níger assinaram um acordo de cooperação militar que, entre outros aspetos, previa um quadro para a partilha de informações. No entanto, na sequência do golpe de Estado no Níger, em julho de 2023, e em resposta a um alegado antagonismo por parte do governo do Presidente Talon, a junta militar do Níger declarou o acordo nulo e sem efeito. Tendo em conta a geografia específica, a circulação transfronteiriça dos intervenientes no conflito e os vários fatores de incentivo e de desincentivo que conduzem ao alastramento do extremismo violento ao norte do Benim, o governo deve procurar imediatamente uma solução para o impasse diplomático e restabelecer a colaboração militar no combate às VEO e, por extensão, à sua capacidade de cometer raptos. Além de uma ação específica contra as VEO, é necessária uma maior cooperação entre o Benim e a Nigéria, a fim de reforçar a capacidade militar e de aplicação da lei para identificar, localizar, dismantelar e deter as operações de rapto transfronteiriço e os seus autores.

Notas

- 1 Para efeitos do presente relatório, “norte do Benim” refere-se aos dois departamentos mais setentrionais de Atacora e Alibori.
- 2 Os dados sobre os incidentes de rapto utilizados no presente relatório provêm de uma base de dados consolidada pelos autores. A base de dados baseia-se principalmente em dados fornecidos pelo Consórcio Clingendael e pelo projeto Armed Conflict Location and Event Data (ACLED), complementados por dados primários recolhidos pelos autores. Para mais informações, consultar a secção sobre a metodologia.
- 3 Um total de 20 incidentes registados. No entanto, esta base de dados inclui apenas incidentes de rapto de natureza política; os incidentes de rapto que envolvem atores puramente criminosos não são incluídos na base de dados. Para mais informações, consultar a secção sobre a metodologia.
- 4 *Bénin: les deux touristes français ont été enlevés, leur guide assassiné*, France24, 5 de maio de 2019, <https://www.france24.com/fr/20190505-benin-deux-touristes-francais-enlevés-guide-tue>.
- 5 Lucia Bird e Lyes Tagziria, *Organized crime and instability dynamics: Mapping illicit hubs in West Africa*, GI-TOC, setembro de 2022, <https://globalinitiative.net/analysis/west-africa-illicit-hub-mapping/>.
- 6 GI-TOC, Resiliência às economias ilícitas e à instabilidade – Diálogo comunitário, Natitingou, outubro de 2023. As economias ilícitas podem ser definidas como “todos os mercados em que existe ilegalidade, quer seja no abastecimento ou na produção, no transporte, na venda ou no desvio de mercadorias de canais legais para canais ilegais” (ver, por exemplo, Lucia Bird e Lyes Tagziria, *Organized crime and instability dynamics: Mapping illicit hubs in West Africa*, GI-TOC, setembro de 2022, <https://globalinitiative.net/analysis/west-africa-illicit-hub-mapping/>). Apesar de o rapto com pedido de resgate ser um mercado manifestamente criminoso, quando não há pedido de resgate (como é o caso na maioria dos raptos analisados no presente relatório), também não há transferência de valor. No entanto, para efeitos do presente relatório, o rapto é analisado como uma economia ilícita, embora se reconheça que os incentivos financeiros nem sempre são relevantes.
- 7 Seis eventos foram acrescentados à base de dados pela GI-TOC.
- 8 Além disso, se forem reportadas mortes ou ferimentos graves durante o rapto ou o desaparecimento forçado, o evento é, em vez disso, registado como um evento de “ataque”. Por conseguinte, o número de “raptos/desaparecimentos forçados” na base de dados do ACLED é uma subcontagem do número total de raptos. Para corrigir esta discrepância, a GI-TOC acrescentou uma variável suplementar de “rapto” à base de dados consolidada, que codifica todos os incidentes como incidentes relacionados ou não com rapto, com base no “tipo de subevento” do ACLED e nas notas do incidente. ACLED Codebook, disponível em: <https://acleddata.com/knowledge-base/codebook/>.
- 9 Quando o motivo subjacente ao acontecimento não é claro, a inclusão é determinada pela probabilidade. Por outras palavras, os acontecimentos que podem ser políticos (quer se trate de VEO ou de grupos armados comunais/étnicos), mas que provavelmente não são criminosos, estão incluídos na base de dados do ACLED. Troca de e-mails com um investigador do ACLED, julho de 2023.
- 10 Em muitos casos, o ACLED classifica o “grupo armado não identificado” (código “inter” 3, milícia política) como responsável por raptos ou outros tipos de violência quando tem fortes razões para acreditar que o grupo armado é uma milícia política, mas não dispõe de pormenores claros sobre a identidade do ator. Por exemplo, pode haver várias razões pelas quais é provável que um ataque tenha sido perpetrado pelo JNIM (por exemplo, outros ataques próximos que se confirmou terem sido cometidos pelo JNIM), mas também possa ter sido, por exemplo, cometido por uma milícia composta maioritariamente por indivíduos Fulani não afiliados do JNIM ou do El Sahel. Nestes casos, o ator é classificado como um “grupo armado não identificado” para refletir a falta de clareza.
- 11 Ver, por exemplo: International Crisis Group, *The social roots of jihadist violence in Burkina Faso’s north*, Africa Report n.º 254, 12 de outubro de 2017, <https://www.crisisgroup.org/africa/west-africa/burkina-faso/254-social-roots-jihadist-violence-burkina-faso-north>; e Marc-Antoine Pérouse de Montclos, *Rethinking the response to jihadist groups across the Sahel*, Africa Programme Research Paper, Chatham House, março de 2021, <https://www.chathamhouse.org/2021/03/rethinking-response-jihadist-groups-across-sahel>.
- 12 Tweet do analista de dados José Luengo-Cabrera (@J_LuengoCabrera), 14 de dezembro de 2023, https://twitter.com/J_LuengoCabrera/status/1735366710817927220.
- 13 *Burkina Faso crisis continues to spiral*, Centro de Estudos Estratégicos de África, 29 de agosto de 2023, <https://africacenter.org/spotlight/burkina-faso-crisis-continues-to-spiral/>.
- 14 O risco de alastramento do extremismo violento aos estados costeiros tinha sido bem documentado nos anos anteriores. Ver, por exemplo, International Crisis Group, *The Risk of Jihadist Contagion in West Africa*, Africa Briefing n.º 149, 20 de dezembro de 2019, <https://icg-prod.s3.amazonaws.com/s3fs-public/2023-05/b149-jihadi-west-africa.pdf>.
- 15 *Ivory Coast: 16 dead in Grand Bassam beach resort attack*, BBC News, 14 de março de 2016, <https://www.bbc.co.uk/news/world-africa-35798502>.
- 16 Ver ACLED, www.acleddata.com.
- 17 *Togo: Attaque terroriste à Kpendjal*, TogoWeb, 10 de novembro de 2021, <https://togoweb.net/urgent-togo-attaque-terroriste-a-kpendjal/>.
- 18 International Crisis Group, *Keeping jihadists out of northern Côte d’Ivoire*, Africa Briefing n.º 192, 11 de agosto de 2023, <https://www.crisisgroup.org/africa/west-africa/cote-divoire/b192-keeping-jihadists-out-northern-cote-divoire>.
- 19 Embora não tenha havido relatos de ataques diretos realizados por extremistas violentos no Gana, em 2022 e 2023 houve três incidentes registados que envolveram suspeitos de serem militantes extremistas, incluindo detenções e presenças registadas.
- 20 Dados do Consórcio Clingendael/ACLED.
- 21 Para uma análise mais pormenorizada dos fatores impulsionadores da violência comunal no norte do Benim, ver Kars de Bruijne, *Laws of attraction: Northern Benin and risk of violent extremist spillover*, Clingendael Institute,

- junho de 2021, <https://www.clingendael.org/sites/default/files/2021-07/laws-of-attraction.pdf>.
- 22 Ibid.
 - 23 Dados do Consórcio Clingendael/ACLED.
 - 24 Kars de Bruijne, *Conflict in the Penta-Border Area: Benin's Northern Jihad from the perspective of its neighbours*, Clingendael, dezembro de 2022, <https://www.clingendael.org/sites/default/files/2022-12/conflict-in-the-penta-border-area-1.pdf>.
 - 25 Em junho de 2023, por exemplo, um grupo de oito jovens revelou que tinha aderido a uma VEO (não especificada) na aldeia de Zambara, na comuna de Kalalé, em Borgou. Informaram que tinham recebido várias semanas de formação e que lhes tinham sido oferecidos 400 000 francos CFA (612 €) por mês.
 - 26 ELVA, *An assessment of the experiences and vulnerabilities of pastoralists and at-risk groups in the Atakora department of Benin*, janeiro de 2023, <https://elva.org/wp-content/uploads/Analytical-Report-EN-At-Risk-Groups-in-Atakora-Elva-31-January-2023.pdf>.
 - 27 Kars de Bruijne, *Conflict in the Penta-Border Area: Benin's Northern Jihad from the perspective of its neighbours*, Clingendael, dezembro de 2022, <https://www.clingendael.org/sites/default/files/2022-12/conflict-in-the-penta-border-area-1.pdf>.
 - 28 Aimé Akéké, *Terrorisme au Bénin: l'Etat islamique revendique une attaque*, Banouto, 18 de setembro de 2022, <https://www.banouto.bj/article/securite-humaine/20220918-terrorisme-au-benin-letat-islamique-revendique-une-attaque>.
 - 29 OCDE/SWAC, *The Geography of Conflict in North and West Africa*, *West African Studies*, Paris: OECD Publishing, 2020.
 - 30 International Crisis Group, *Containing militancy in West Africa's Park W*, Africa Report n.º 310, 26 de janeiro de 2023, <https://www.crisisgroup.org/africa/sahel/burkina-faso-niger-benin/310-containing-militancy-west-africas-park-w>.
 - 31 Eleanor Beevor et al., *Reserve assets: Armed groups and conflict economies in the national parks of Burkina Faso, Niger and Benin*, GI-TOC, maio de 2023, <https://globalinitiative.net/analysis/armed-groups-conflict-economies-national-parks-west-africa/>.
 - 32 Ibid.
 - 33 Lucia Bird e Lyes Tagziria, *Organized crime and instability dynamics: Mapping illicit hubs in West Africa*, GI-TOC, setembro de 2022, <https://globalinitiative.net/analysis/west-africa-illicit-hub-mapping/>.
 - 34 Eleanor Beevor et al., *Reserve assets: Armed groups and conflict economies in the national parks of Burkina Faso, Niger and Benin*, GI-TOC, maio de 2023, <https://globalinitiative.net/analysis/armed-groups-conflict-economies-national-parks-west-africa/>.
 - 35 Kars de Bruijne, *Despite military progress, it's not going well in northern Benin*, Clingendael, novembro de 2023, <https://www.clingendael.org/publication/despite-military-progress-its-not-going-well-northern-benin>.
 - 36 Eleanor Beevor et al., *Reserve assets: Armed groups and conflict economies in the national parks of Burkina Faso, Niger and Benin*, GI-TOC, maio de 2023, <https://globalinitiative.net/analysis/armed-groups-conflict-economies-national-parks-west-africa/>.
 - 37 Dados do Consórcio Clingendael/ACLED. Ver Caixa 1 “As VEO e as economias ilícitas” para mais pormenores sobre a relação e a dinâmica da violência entre as VEO e os caçadores furtivos no norte do Benim.
 - 38 Dados do Consórcio Clingendael/ACLED.
 - 39 Ibid.
 - 40 Há, no entanto, relatos de uma presença do JNIM no país já em 2018, quando a VEO procurou criar raízes através de missões de reconhecimento de locais, alianças estratégicas com as comunidades, recolha de informações, etc.
 - 41 Jeannine Ella A Abatan e William Assanvo, *Links between violent extremism and illicit activities in Benin*, ISS, junho de 2023, <https://issafrica.s3.amazonaws.com/site/uploads/Eng-WAR-42.pdf>.
 - 42 Heni Nsaiba, Eleanor Beevor e Flore Berger, *Non-state armed groups and illicit economies in West Africa, Jama'at Nusrat al-Islam wal-Muslimin (JNIM)*, ACLED-GI-TOC, outubro de 2023, <https://globalinitiative.net/analysis/non-state-armed-groups-illicit-economies-west-africa/>; Em julho de 2022, presumíveis membros do JNIM mataram, no entanto, dez pastores numa aldeia perto de Matéri, alegadamente por se terem recusado a alistar-se: ACLED.
 - 43 Entrevista telefónica com ELVA, junho de 2023.
 - 44 Dados do Consórcio Clingendael/ACLED.
 - 45 Ibid.
 - 46 Ibid.
 - 47 *Le nord du Bénin touché par deux nouvelles attaques meurtrières en deux jours*, *Le Monde*, 4 de maio de 2023, https://www.lemonde.fr/afrique/article/2023/05/04/le-nord-du-benin-touche-par-deux-nouvelles-attaques-meurtrieres-en-deux-jours_6172074_3212.html.
 - 48 Em Alibori, onde o El Sahel também está presente, o aumento da violência contra civis por parte do JNIM pode ser resultado da concorrência. Dada a natureza contestada do controlo das VEO nesta zona, os líderes do JNIM podem reear a colaboração dos civis com o El Sahel, resultando em níveis mais elevados de violência. Além disso, a pressão militar contínua exercida sobre as VEO no norte do Benim pode também desempenhar um papel importante, uma vez que os membros do JNIM e do El Sahel podem ter como alvo civis que suspeitem estar do lado do Estado.
 - 49 Lucia Bird e Lyes Tagziria, *Organized crime and instability dynamics: Mapping illicit hubs in West Africa*, GI-TOC, setembro de 2022, <https://globalinitiative.net/analysis/west-africa-illicit-hub-mapping/>.
 - 50 Flore Berger, *The silent threat: Kidnappings in Burkina Faso*, GI-TOC, março de 2023, <https://globalinitiative.net/analysis/kidnappings-burkina-faso/>.
 - 51 *Français disparus au Bénin: selon des sources sécuritaires, «la thèse d'un enlèvement se précise»*, *Le Monde*, 9 de maio de 2019, https://www.lemonde.fr/afrique/article/2019/05/09/francais-disparus-au-benin-selon-des-sources-securitaires-la-these-d-un-enlevement-se-precise_5459939_3212.html.
 - 52 *Islamist group says holding Romanian hostage seized in Burkina*, Reuters, maio de 2015, <https://www.reuters.com/article/idUSKBN0041GF/>.
 - 53 *Bénin: les deux touristes français enlevés ont été libérés, deux militaires français tués pendant l'opération*, France Info, 10 de maio de 2019, https://www.francetvinfo.fr/monde/afrique/benin/benin-les-deux-touristes-francais-enlevés-ont-été-libérés-deux-militaires-francais-tués-pendant-l-operation_3437181.html.

- 54 *Romanian hostage seized from Burkina Faso mine released after eight years*, Reuters, 9 de agosto de 2023, <https://www.reuters.com/world/europe/romanian-hostage-seized-burkina-faso-mine-released-after-eight-years-2023-08-09/>.
- 55 Entrevista telefónica com um oficial militar francês que se encontrava na região na altura, agosto de 2023.
- 56 Ibid.
- 57 Flore Berger e Anicet Zran, *North-eastern Côte d'Ivoire: Between illicit economies and violent extremism*, GI-TOC, setembro de 2023, <https://globalinitiative.net/analysis/north-east-cote-d-ivoire-illicit-economies-violent-extremism/>.
- 58 Dados do Consórcio Clingendael/ACLED.
- 59 Ibid.
- 60 Eleanor Beevor et al., *Reserve assets: Armed groups and conflict economies in the national parks of Burkina Faso, Niger and Benin*, GI-TOC, maio de 2023, <https://globalinitiative.net/analysis/armed-groups-conflict-economies-national-parks-west-africa/>.
- 61 Flore Berger e Anicet Zran, *North-eastern Côte d'Ivoire: Between illicit economies and violent extremism*, GI-TOC, setembro de 2023, <https://globalinitiative.net/analysis/north-east-cote-d-ivoire-illicit-economies-violent-extremism/>.
- 62 Dado que a situação de segurança é tão volátil e que nem sempre é possível distinguir entre os diferentes grupos, o termo “VEO” é utilizado para descrever tendências e eventos gerais, sendo que os nomes específicos de grupos são utilizados quando o autor de um determinado incidente tiver sido confirmado. Como já foi referido no relatório, embora o JNIM seja o interveniente extremista dominante a operar em Atacora, a situação em Alibori é menos clara, com o El Sahel a operar também na zona, ainda que em menor grau.
- 63 Neste tipo de rapto, qualquer pessoa pode ser um alvo, na maior parte dos casos independentemente de quem seja ou do seu papel na sociedade. Apesar disso, a atividade das VEO no norte do Benim é frequentemente muito sensível à composição étnica das comunidades locais, tanto em termos de campanha como de recrutamento. Kars de Bruijne, *Despite military progress, it's not going well in northern Benin*, Clingendael, novembro de 2023, <https://www.clingendael.org/publication/despite-military-progress-its-not-going-well-northern-benin>.
- 64 O rapto é um exemplo de uma tática utilizada numa das cinco estratégias de terrorismo definidas por Andrew Kydd e Barbara Walter, nomeadamente a intimidação. Ver Andrew H. Kydd e Barbara F. Walter, *The strategies of terrorism*, *International Security*, 31(1), 49–80.
- 65 Embora o primeiro incidente violento em território beninense relacionado com as VEO tenha ocorrido em maio de 2019, as provas sugerem interesse e atividade do JNIM no país também nos anos anteriores. Os exemplos incluem um vídeo de 2018 em que líderes do JNIM apelavam aos membros da comunidade Fulani para “se dedicarem à jihad” no Benim (entre outros países), bem como relatos de que militantes do Mali realizaram missões de reconhecimento no Parque W do Benim já em 2014. International Crisis Group, *The risk of jihadist contagion in West Africa*, Africa Briefing n.º 149, 20 de dezembro de 2019, <https://icg-prod.s3.amazonaws.com/s3fs-public/2023-05/b149-jihadi-west-africa.pdf>.
- 66 Dados do Consórcio Clingendael/ACLED.
- 67 A presença do El Sahel no Benim está muito menos consolidada do que a do JNIM, pelo que não se pode considerar que tenha estabelecido uma base de apoio no país.
- 68 Henri Nsaiba, Eleanor Beevor e Flore Berger, *Non-state armed groups and illicit economies in West Africa, Jama'at Nusrat al-Islam wal-Muslimin (JNIM)*, ACLED–GI-TOC, outubro de 2023, <https://globalinitiative.net/analysis/non-state-armed-groups-illicit-economies-west-africa/>.
- 69 Ver Stathis Kalyvas, *Wanton and senseless? The logic of massacres in Algeria, Rationality and Society*, 11 (3), 243–85; e Stathis Kalyvas, *The logic of terrorism in civil war*, *Journal of Ethics*, 8 (1), 98–137.
- 70 Flore Berger, *The silent threat: Kidnappings in Burkina Faso*, GI-TOC, março de 2023, <https://globalinitiative.net/analysis/kidnappings-burkina-faso/>.
- 71 Dados do ACLED, citados em Flore Berger, *The silent threat: Kidnappings in Burkina Faso*, GI-TOC, março de 2023, <https://globalinitiative.net/analysis/kidnappings-burkina-faso/>.
- 72 Entrevista telefónica com especialistas do ACLED, junho de 2023.
- 73 Entrevista com líderes comunitários, Tanguiéta e Matéri, junho de 2023.
- 74 Entrevista com um líder comunitário, Matéri, junho de 2023.
- 75 GI-TOC, Resiliência às economias ilícitas e à instabilidade – Diálogo comunitário, Natitingou, outubro de 2023.
- 76 Entrevista com representantes de segurança, Atacora, junho de 2023.
- 77 Entrevista telefónica com uma ONG que apoia comunidades que enfrentam ameaças de VEO em Atacora e Alibori, 28 de junho de 2023.
- 78 Cidadãos locais que se depararam com elementos de VEO nas suas aldeias referem que estes falam idiomas locais, incluindo Bariba, Dendi e Zarma, por exemplo. Vários participantes num diálogo comunitário em Atacora relataram conhecer pessoalmente residentes que se juntaram a VEO ou que as ajudam de várias formas. GI-TOC, Resiliência às economias ilícitas e à instabilidade – Diálogo comunitário, Natitingou, outubro de 2023.
- 79 Além dos caçadores que fazem parte de associações de caçadores profissionais e que são geralmente muito respeitados pela sociedade, os caçadores furtivos de baixo nível – muitas vezes socialmente marginalizados – também podem ser visados. Entrevista com líderes comunitários, Atacora e Alibori, junho de 2023.
- 80 Grupo de foco com comunidades da comuna de Tanguiéta, outubro de 2023.
- 81 Entrevista com intervenientes na região de Atacora, incluindo famílias de jovens do sexo masculino “desaparecidos”, junho de 2023.
- 82 Comunidades de Atacora e Alibori descreveram relatos de VEO que ofereceram até 100 000 francos CFA, uma moto ou um telemóvel.
- 83 Entrevista com uma autoridade local, Matéri, junho de 2023, e entrevista telefónica com um investigador sobre o extremismo violento no norte do Benim, junho de 2023.
- 84 Grupo de foco com comunidades de Atacora e Alibori, junho de 2023.
- 85 GI-TOC, Resiliência às economias ilícitas e à instabilidade – Diálogo comunitário, Natitingou, outubro de 2023; Entrevista telefónica com uma ONG que apoia comunidades que

- enfrentam ameaças de VEO em Atacora e Alibori, 28 de junho de 2023.
- 86 Entrevista com as autoridades locais, Matéri e Tanguiéta, junho de 2023.
- 87 Flore Berger, *The silent threat: Kidnappings in Burkina Faso*, GI-TOC, março de 2023, <https://globalinitiative.net/analysis/kidnappings-burkina-faso/>.
- 88 As provas apoiam claramente o facto de o JNIM operar desta forma, com base nos dados do ACLED e na investigação anterior da GI-TOC no Burquina Fasso, que mostra que a mesma estratégia é utilizada aí também. No entanto, dada a falta de dados fiáveis, não é claro se tal também se aplica ao El Sahel, cuja presença no norte do Benim está muito menos consolidada e a quem foram atribuídos muito menos incidentes de rapto.
- 89 Heni Nsaiba, Eleanor Beevor e Flore Berger, *Non-state armed groups and illicit economies in West Africa, Jama'at Nusrat al-Islam wal-Muslimin (JNIM)*, ACLED–GI-TOC, outubro de 2023, <https://globalinitiative.net/analysis/non-state-armed-groups-illicit-economies-west-africa/>.
- 90 Flore Berger, *The silent threat: Kidnappings in Burkina Faso*, GI-TOC, março de 2023, <https://globalinitiative.net/analysis/kidnappings-burkina-faso/>.
- 91 Isto não quer dizer que as vítimas tenham sido recrutadas ideologicamente – por outras palavras, que tenham sofrido uma lavagem cerebral – mas sim que obedecem a ordens por medo de serem castigadas. No caso dos caçadores furtivos raptados em Karimama, em março de 2023, os agressores coagiram-nos a colaborar com eles através de ameaças de violência caso desobedecessem.
- 92 RFI, *Bénin: que sait-on de l'attaque de Loumbou-Loumbou?*, 24 de setembro de 2022, <https://www.rfi.fr/fr/afrique/20220924-b%C3%A9nin-que-sait-on-de-l-attaque-de-loumbou-loumbou>.
- 93 Entrevista telefónica com várias fontes internacionais e locais que acompanharam de perto este caso, junho de 2023.
- 94 Debate com um perito em segurança no Benim, novembro de 2023.
- 95 Entrevista com uma autoridade local, Matéri, junho de 2023.
- 96 Dados do Consórcio Clingendael/ACLED.
- 97 Ibid.
- 98 Stathis N. Kalyvas (2018), *Jihadi rebels in civil war, Daedalus*, 147 (1), *Ending Civil Wars: Constraints & Possibilities*, pp. 36–47. Para uma leitura mais aprofundada sobre a utilização de táticas terroristas no contexto da guerra civil, ver Virginia Page Fortna (2015), *Do terrorists win? Rebels' use of terrorism and civil war outcomes*, *International Organization*, 69(3).
- 99 Reed M. Wood, *Rebel capability and strategic violence against civilians*, *Journal of Peace Research*, 47 (5), 601–614.
- 100 Jeannine Ella A Abatan e William Assanvo, *Links between violent extremism and illicit activities in Benin*, ISS, junho de 2023, <https://issafrica.s3.amazonaws.com/site/uploads/Eng-WAR-42.pdf>.
- 101 Tweet de 'Larmes des pauvres' (@ocisse691), 4 de agosto de 2022, <https://twitter.com/ocisse691/status/1555230809057103873>.
- 102 Dados do Consórcio Clingendael/ACLED.
- 103 Entrevista com intervenientes em Atacora e Alibori, junho de 2023.
- 104 Dados do Consórcio Clingendael/ACLED.
- 105 Ibid.
- 106 Para uma análise mais aprofundada deste risco no Benim e no Togo, ver Jeannine Ella Abatan, *Civilian-state security cooperation in Benin and Togo: a double-edged sword*, ISS Today, 12 de junho de 2023, <https://issafrica.org/iss-today/civilian-state-security-cooperation-in-benin-and-togo-a-double-edged-sword>.
- 107 Entrevista com empresários e comerciantes, incluindo alguns que desertaram, Atacora e Alibori, junho de 2023.
- 108 Jeannine Ella A Abatan e William Assanvo, *Links between violent extremism and illicit activities in Benin*, ISS, junho de 2023, <https://issafrica.s3.amazonaws.com/site/uploads/Eng-WAR-42.pdf>.
- 109 Entrevista com uma fonte de segurança, Karimama, junho de 2023.
- 110 Jeannine Ella A Abatan e William Assanvo, *Links between violent extremism and illicit activities in Benin*, ISS, junho de 2023, <https://issafrica.s3.amazonaws.com/site/uploads/Eng-WAR-42.pdf>.
- 111 Em muitos outros casos, as VEO matam simplesmente a vítima, mas o rapto pode ser utilizado como uma forma de punição distinta da simples morte da vítima no local, ou para fins estratégicos, por exemplo, se a vítima tiver informações que pretendam obter (sublinhando as sobreposições entre os diferentes tipos de rapto).
- 112 Entrevista com autoridades administrativas locais e autoridades tradicionais, Atacora e Alibori, junho de 2023.
- 113 Dados do Consórcio Clingendael/ACLED.
- 114 Jeannine Ella A Abatan e William Assanvo, *Links between violent extremism and illicit activities in Benin*, ISS, junho de 2023, <https://issafrica.s3.amazonaws.com/site/uploads/Eng-WAR-42.pdf>.
- 115 GI-TOC, Resiliência às economias ilícitas e à instabilidade – Diálogo comunitário, Natitingou, outubro de 2023. Ver também Eleanor Beevor et al., *Reserve assets: Armed groups and conflict economies in the national parks of Burkina Faso, Niger and Benin*, GI-TOC, maio de 2023, <https://globalinitiative.net/analysis/armed-groups-conflict-economies-national-parks-west-africa/>; Jeannine Ella A Abatan e William Assanvo, *Links between violent extremism and illicit activities in Benin*, ISS, junho de 2023, <https://issafrica.s3.amazonaws.com/site/uploads/Eng-WAR-42.pdf>.
- 116 Aziz Mossi e Emmanuel N'koué Sambieni, *Contested forests: armed conflicts and illicit economies in West African forest areas. Case study of Benin's Park W*, LASDEL-GI-TOC, estudo de caso não publicado, agosto de 2022; Eleanor Beevor et al., *Reserve assets: Armed groups and conflict economies in the national parks of Burkina Faso, Niger and Benin*, GI-TOC, maio de 2023, <https://globalinitiative.net/analysis/armed-groups-conflict-economies-national-parks-west-africa/>.
- 117 Jeannine Ella A Abatan e William Assanvo, *Links between violent extremism and illicit activities in Benin*, ISS, junho de 2023, <https://issafrica.s3.amazonaws.com/site/uploads/Eng-WAR-42.pdf>.
- 118 Lucia Bird e Lyes Tagziria, *Organized crime and instability dynamics: Mapping illicit hubs in West Africa*, GI-TOC, setembro de 2022, <https://wea.globalinitiative.net/illicit-hub-mapping/map>.
- 119 Ibid.
- 120 Jeannine Ella A Abatan e William Assanvo, *Links between violent extremism and illicit activities in Benin*, ISS, junho de

- 2023, <https://issafrica.s3.amazonaws.com/site/uploads/Eng-WAR-42.pdf>.
- 121 Entrevista com um membro da comunidade em Guene, 12 de julho de 2022. Citado em Antonio Sampaio et al., *Reserve assets: Armed groups and conflict economies in the national parks of Burkina Faso, Niger and Benin*, GI-TOC, maio de 2023, <https://globalinitiative.net/analysis/armed-groups-conflict-economies-national-parks-west-africa/>.
- 122 Entrevista com empresários e comerciantes, incluindo alguns que desertaram, Atacora e Alibori, junho de 2023.
- 123 Dados do Consórcio Clingendael/ACLEED.
- 124 Entrevistas com líderes comunitários em Karimama, junho de 2023.
- 125 Entrevista com intervenientes em Atacora e Alibori, junho de 2023.
- 126 Kars de Bruijne, *Conflict in the Penta-Border Area: Benin's Northern Jihad from the perspective of its neighbours*, Clingendael, dezembro de 2022, <https://www.clingendael.org/pub/2022/conflict-in-the-penta-border-area/>.
- 127 Dados do Consórcio Clingendael/ACLEED.
- 128 As VEO terão tendência para visar as autoridades locais que não podem ser facilmente cooptadas. Para mais informações sobre a lógica estratégica da escolha seletiva de alvos entre as elites locais por parte dos intervenientes armados não estatais, ver Clionadh Raleigh e Kars de Bruijne (2017), *Where rebels dare to tread: a study of conflict geography and co-option of local power in Sierra Leone*, *Journal of Conflict Resolution*, 61(6).
- 129 *Le Bénin renforce sa présence militaire dans le Nord pour stopper les attaques transfrontalières*, Africa Defense Forum, 26 de julho de 2023, <https://adf-magazine.com/fr/2022/07/le-benin-renforce-sa-presence-militaire-dans-le-nord-pour-stopper-les-attaques-transfrontalieres/>.
- 130 *Compte rendu du conseil des ministres*, julho de 2022, Secretariado-Geral do Governo, <https://sgg.gouv.bj/cm/2022-07-20/>.
- 131 Dados do Consórcio Clingendael/ACLEED.
- 132 Um total de 101 incidentes separados relacionados com VEO foram registados em Karimama desde 2019; apenas Matéri, no departamento de Atacora, registou mais (105). Dados do Consórcio Clingendael/ACLEED.
- 133 Dados do Consórcio Clingendael/ACLEED.
- 134 Entrevista com as autoridades políticas e de segurança locais, Karimama, junho de 2023.
- 135 Esta tentativa de rapto falhada foi posta em causa por algumas fontes; contudo, de qualquer modo, o presidente do município recebeu ameaças telefónicas por parte de VEO em várias ocasiões e conta com a proteção da *gendarmérie*.
- 136 Nouari acolhia vários elementos do JNIM originários do departamento de Donga. Quando um ataque planeado correu mal, os intervenientes armados suspeitaram que o chefe da aldeia conspirara com os militares para frustrar os seus planos. Entrevista com as autoridades políticas e de segurança locais, Matéri, junho de 2023.
- 137 Esta ação faz parte de uma nova ofensiva das VEO em Alibori no segundo semestre de 2023. Ver Kars de Bruijne, *Despite military progress, it's not going well in northern Benin*, Clingendael, novembro de 2023, <https://www.clingendael.org/publication/despite-military-progress-its-not-going-well-northern-benin>.
- 138 Marc Mensah, *Un chef village et son conseiller égorgés*, 24 heures au Bénin, 9 de agosto de 2023, <https://www.24haubenin.info/?Un-chef-village-et-son-conseiller-egorges>.
- 139 Dados do Consórcio Clingendael/ACLEED.
- 140 Crisis Group, *Crisis Watch, Benin – September updates*, setembro de 2023, <https://www.crisisgroup.org/crisiswatch/october-alerts-and-september-trends-2023#benin>.
- 141 A partir de novembro de 2023.
- 142 É provável que se trate de uma subcontagem e que um maior número de casos tenha sido motivado por considerações de ordem monetária, embora se preveja que continuem a constituir uma minoria dos casos. Além disso, é possível que os casos em que não foi possível identificar os autores tenham sido, efetivamente, cometidos por VEO.
- 143 Entrevistas com líderes comunitários Fulani e autoridades políticas e de segurança, Atacora e Alibori, junho de 2023; os agricultores e pastores são alvos comuns de raptos com pedido de resgate em vários países da África Ocidental e Central. No norte dos Camarões, por exemplo, os residentes estão a ser alvo de um grupo diversificado de atores criminosos que procuram explorar o potencial de lucro substancial dos raptos com pedido de resgate. Ver Observatório das Economias Ilícitas na África Ocidental, *Farmers and herders increasingly targeted as kidnapping for ransom reaches record levels in Cameroon's Nord region*, Risk Bulletin – Issue 8, GI-TOC, agosto de 2023, <https://riskbulletins.globalinitiative.net/wea-obs-008/02-farmers-and-herders-increasingly-targeted-as-kidnapping-for-ransom.html>.
- 144 Avaliação dos próprios autores do seu envolvimento com as comunidades encontradas em Atacora e Alibori, junho de 2023.
- 145 Entrevistas com líderes comunitários Fulani e autoridades políticas e de segurança em Atacora e Alibori, junho de 2023.
- 146 Isto reflete-se não só nos dados, como também nos dados qualitativos recolhidos em entrevistas com uma série de intervenientes relevantes em Atacora e Alibori, junho de 2023.
- 147 Flore Berger, *The silent threat: Kidnappings in Burkina Faso*, GI-TOC, março de 2023, <https://globalinitiative.net/analysis/kidnappings-burkina-faso/>.
- 148 Análise e acompanhamento, realizados pelos autores, dos incidentes de rapto desde 2003, fonte aberta.
- 149 CSS, *L'enlèvement contre rançon pour financer le terrorisme*, outubro de 2013, <https://css.ethz.ch/content/dam/ethz/special-interest/gess/cis/center-for-securities-studies/pdfs/CSS-Analysen-141-FR.pdf>
- 150 Observatório das Economias Ilícitas na África Ocidental, *The strategic logic of kidnappings in Mali and Burkina Faso*, Risk Bulletin – Issue 4, GI-TOC, junho de 2022, <https://riskbulletins.globalinitiative.net/wea-obs-004/03-the-strategic-logic-of-kidnappings-mali-burkina-faso.html>.
- 151 Michael Matongbada, *Could kidnapping for ransom open the door to terrorism in Benin?*, ISS Today, 27 de julho de 2021, <https://issafrica.org/iss-today/could-kidnapping-for-ransom-open-the-door-to-terrorism-in-benin>.
- 152 Dados do Consórcio Clingendael/ACLEED.
- 153 Entrevista com agentes de segurança, Alibori, junho de 2023.
- 154 Entrevista com um agricultor, Matéri, junho de 2023. Ver também Flore Berger, *Locked horns: Cattle rustling and Mali's*

- war economy*, março de 2023, <https://globalinitiative.net/analysis/cattle-rustling-mali-war-economy/>.
- 155 Embora se considere que a maioria dos raptos criminosos tem por objetivo o pagamento de um resgate, o rapto é também utilizado como forma de ajuste de contas no contexto de disputas intra ou intercomunitárias. Em Atacora e Alibori, nem sempre é fácil determinar se um rapto foi cometido por grupos extremistas violentos ou por bandidos. No entanto, ainda que a identidade dos autores nem sempre possa ser confirmada de forma independente, as comunidades locais tendem a referir-se a bandidos quando é pedido um resgate e a “jihadistas” quando se pensa que os raptos foram realizados para fins de intimidação ou recrutamento. Entrevistas com autoridades de segurança, Alibori, junho de 2023.
- 156 As comunas mais afetadas são Ségbana, Pèrèrè, Nikki e Kalalé.
- 157 Entrevista com uma autoridade administrativa, Alibori, junho de 2023.
- 158 *Matin Libre*, *Commune De Nikki: Le Chef De L'arrondissement Central Enlevé*, 18 de janeiro de 2022, <https://matinlibre.com/2022/01/17/commune-de-nikki-le-chef-de-larrondissement-central-enleve/>.
- 159 *Banouto*, *Bénin: un directeur de collège enlevé à Kétou, les ravisseurs réclament 20 millions CFA*, 24 de março de 2023, <https://www.banouto.bj/article/securite-humaine/20230324-benin-un-directeur-de-college-enleve-a-ketou-les-ravisseurs-reclament-20-millions-cfa>.
- 160 *Banouto*, *Bénin: des IANIs enlèvent un homme d'affaires à Savè*, 7 de março de 2023, <https://www.banouto.bj/article/securite-humaine/20230407-benin-des-hommes-armes-enlevent-un-homme-d-affaires-a-save>.
- 161 Entrevista com autoridades políticas e de segurança, Alibori, junho de 2023; dados do Consórcio Clingendael/ACLEd.
- 162 Monitorização de dados de fonte aberta sobre montantes de resgate, realizada pelos autores.
- 163 Entrevista telefónica com um perito internacional em países costeiros, 15 de junho de 2023.
- 164 Entrevista com agentes de segurança, Atacora e Alibori, junho de 2023.
- 165 Entrevista com agentes de segurança e familiares de vítimas de rapto, Alibori, junho de 2023.
- 166 *Ibid.* Ver também John Adams, *Bandits set up camp at Kainji National Park, kill two*, *The Sun Nigeria*, 20 de maio de 2023, <https://sunnewsonline.com/bandits-set-up-camp-at-kainji-national-park-kill-two/>.
- 167 Entrevista com as autoridades locais, Ségbana, junho de 2023.
- 168 Kars de Bruijne, *Conflict in the Penta-Border Area: Benin's Northern Jihad from the perspective of its neighbours*, Clingendael, dezembro de 2022, <https://www.clingendael.org/sites/default/files/2022-12/conflict-in-the-penta-border-area-1.pdf>.
- 169 Jeannine Ella A Abatan e William Assanvo, *Links between violent extremism and illicit activities in Benin*, ISS, junho de 2023, <https://issafrica.s3.amazonaws.com/site/uploads/Eng-WAR-42.pdf>.
- 170 *ISWAP terrorists want to establish caliphate in Niger, claim they were sent by God – Official*, Sahara Reporters, 23 de novembro de 2023, <https://saharareporters.com/2021/11/23/iswap-terrorists-want-establish-caliphate-niger-claim-they-were-sent-god-%E2%80%93-official>.
- 171 Chinwendu Nnadozie, *FG orders military to flush out ISWAP bandits from Kainji National Park*, Independent Nigeria, 26 de janeiro de 2022, <https://independent.ng/fg-orders-military-to-flush-out-iswap-bandits-from-kainji-national-park/>.
- 172 Abdulkareem Haruna, *More on attack on military base in Niger: military kill terrorists, recover explosives, RPG*, HumAngle, 30 de outubro de 2022, <https://humanglemedia.com/more-on-attack-on-military-base-in-niger-military-kill-terrorists-recover-explosives-rpg/>.
- 173 Kars de Bruijne, *Conflict in the Penta-Border Area: Benin's Northern Jihad from the perspective of its neighbours*, Clingendael, dezembro de 2022, <https://www.clingendael.org/sites/default/files/2022-12/conflict-in-the-penta-border-area-1.pdf>.
- 174 Hassane Koné e Fahiraman Rodrigue Koné, *Is Niger's counter-terrorism approach an exception in the Sahel?*, ISS Today, 5 de abril de 2023, <https://issafrica.org/iss-today/is-nigers-counter-terrorism-approach-an-exception-in-the-sahel>.



Créditos da imagem

Página

Westend61/Alamy Stock PhotoCapa

Esta publicação é co-financiada por



EUROPEAN UNION



cooperation
germany – ecowas

ZUSAMMENARBEIT DEUTSCHLAND – ECOWAS

Esta publicação foi produzida com o apoio financeiro da União Europeia e do Gabinete Federal dos Negócios Estrangeiros da Alemanha. O seu conteúdo é da exclusiva responsabilidade da autora e não reflecte necessariamente as opiniões da União Europeia ou do Ministério Federal das Relações Exteriores da Alemanha.

Sobre os autores

Flore Berger é analista sénior para o Sahel no Observatório das Economias Ilícitas na África Ocidental da Global Initiative Against Transnational Organized Crime (GI-TOC), focando-se no envolvimento de grupos armados em economias ilícitas e nas ligações entre o crime organizado e a instabilidade.

Lyes Tagziria é analista sénior da GI-TOC. Investigou um vasto leque de economias ilícitas a nível mundial, focando-se atualmente na África Ocidental; foi anteriormente membro sénior da equipa do Índice de Crime Organizado da GI-TOC.

Aziz Mossi é investigador no Laboratoire d'Études et de Recherche sur les Dynamiques Sociales et le Développement Local, sediado no Benim.

Nota: Cinco eventos registrados no departamento de Borgou e na comuna de Segbana, em Alibori, foram originalmente atribuídos a VEO na base de dados do consórcio Clingendael/ACLED. Desde a publicação da versão em inglês deste relatório, essas atribuições de atores foram revistas. Os mapas apresentados neste relatório foram atualizados em conformidade. Embora o corpo do relatório, assim como os demais gráficos, permaneça baseado no conjunto de dados original, as pequenas correções feitas após a publicação não impactam de forma significativa a análise apresentada no relatório.

Agradecimentos

Os autores gostariam de apresentar os seus sinceros agradecimentos a todas as pessoas que disponibilizaram o seu tempo para partilhar os seus conhecimentos para este relatório, incluindo as pessoas em Atacora e Alibori, bem como as pessoas contactadas por telefone na região e a nível internacional. Os autores também gostariam de agradecer a Kars de Bruijne pela revisão cuidadosa do relatório e pelo apoio ao longo de todo o processo, a Ladd Serwat pela colaboração nas consultas de dados, bem como a Lucia Bird pela orientação.



OCWAR-T

Crime Organizado: A Resposta da África Ocidental ao Tráfico

Coordenado por

giz Deutsche Gesellschaft
für Internationale
Zusammenarbeit (GIZ) GmbH

Implementado por

ISS INSTITUTO DE ESTUDOS
DE SEGURANÇA

